

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - PROESPE
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

A MULHER ATUAL E A
REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE

Paula Barbosa de Oliveira

RECIFE - 2007

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - PROESPE
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA



**A MULHER ATUAL E A
REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE**

MESTRANDA: PAULA BARBOSA DE OLIVEIRA

ORIENTADORA: PROF^ª. DR^ª. MARIA CRISTINA LOPES DE ALMEIDA AMAZONAS

RECIFE - 2007

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

A MULHER ATUAL E A
REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE

Dissertação apresentada ao Mestrado da UNICAP por Paula Barbosa de Oliveira, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica na linha de pesquisa: Construção da Subjetividade na Família.

RECIFE - 2007

PAULA BARBOSA DE OLIVEIRA

A MULHER ATUAL E A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE

COMISSÃO EXAMINADORA

PROF^a DR^a MARIA CRISTINA LOPES DE ALMEIDA AMAZONAS – (UNICAP)

PROF^a DR^a CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS – (UNICAP)

PROF^a DR^a MARIA LÚCIA ROCHA-COUTINHO – (UFRJ)

DEDICATÓRIA

*Aos Meus Pais,
Heraldo e Josefina.*

AGRADECIMENTOS

À **minha família**, pelo amor, carinho e dedicação em cada momento da minha vida.

Aos **meus amigos**, amigos de verdade são como bênçãos em nossa vida. Obrigada pelo carinho, acolhimento, apoio, disponibilidade e compreensão; Em especial aos meus amigos Ailana e Sebastião, os quais na verdade, são meus 'anjos'.

À **Profª . Cristina Amazonas**, minha orientadora nesta Dissertação de Mestrado. Uma pessoa incrível, compreensiva, ética, sensível e paciente, cuja vitalidade, perspicácia e inteligência são admiráveis. Muito Obrigada por tudo!

À **Profª . Cristina Brito**, por todo o zelo, cuidado e respeito com que tratou o meu trabalho de pesquisa, por suas enriquecedoras sugestões e por seu rigor estético.

À **Profª . Maria Lúcia Rocha-Coutinho**, pela disponibilidade e atenção com a minha pesquisa e por suas sábias e pertinentes opiniões sobre o meu tema.

À **todos os meus colegas** da 7ª turma de Mestrado em Psicologia Clínica que, assim como eu, conquistaram mais uma importante etapa da vida acadêmica. Em especial às minhas amigas, Thálita, Raitza, Marcos, Suzana Fernanda e à minha amiga – desde a graduação – Karla Danielle. Companheiras com as quais pude dividir boas conversas e algumas 'angústias' próprias de mestrandas.

E, em especial, à **todas as mulheres entrevistadas**, por sua disponibilidade em falar sobre o tema e, dessa forma, ajudar-nos a ampliar sua compreensão.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

RESUMEN

1. IDENTIDADE FEMININA E MATERNIDADE NA ATUALIDADE -----	11
2. O MÉTODO PARA ALCANÇAR NOSSO OBJETIVO-----	23
3. UM DESLOCAMENTO NA IDENTIDADE FEMININA: A MULHER PROFISSIONAL -----	38
4. OS DESTINOS DA MATERNIDADE NA CONTEMPORANEIDADE -----	66
5. DESLOCAMENTOS DO FEMININO -----	85
REFERÊNCIAS -----	95
ANEXO I -----	99
ANEXO II -----	100

RESUMO

A presente dissertação de Mestrado adota a perspectiva pós-estruturalista como referência teórica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que teve como objetivo geral compreender a representação de maternidade para 10 mulheres com idade entre 25 e 35 anos, sem filhos, pertencentes à camada social média da Cidade do Recife. Identificamos seus projetos e prioridades de vida, o conceito de maternidade e os sentimentos, conflitos e crenças relacionados ao tema. Para a pesquisa utilizamos uma entrevista semi-estruturada, realizada individualmente e gravada pela pesquisadora. Para a análise do material obtido utilizou-se a Análise de Conteúdo (MINAYO, 1999). Ao analisar as entrevistas, compreendemos que as entrevistadas colocam em primeiro lugar, como projeto, o profissional, seguido da vida amorosa e da maternidade. Os resultados apontam para uma significativa mudança na identidade feminina, revelando que a mulher, hoje, planeja a maternidade de acordo com suas conquistas profissionais e estabilidade conjugal. Assim, ao mesmo tempo em que assume uma nova posição no mercado de trabalho e dedica-se muito à profissão, não se deve estranhar o fato de que também deseje, com a mesma intensidade, a maternidade. Porém, as posições-de-sujeito que a mulher contemporânea assume, hoje, não deve ser pensada como algo estável, mas como um processo de identificação constante, que está atrelado a um amplo contexto, do qual fazem parte: a cultura, a política, a religião, a economia, entre outros fatores. Da mesma forma, podemos afirmar que não existe um único modo de ser mãe ou uma única representação de maternidade. O que há é construção permanente, um processo de identificação constante. Como seres plásticos, nos construímos em conjunto, em interação com o mundo que habitamos. Formulamos e reformulamos os modos de existir, assumimos e abandonamos identidades, atravessados pelo contexto histórico e o discurso dominante da época em que vivemos.

Palavras-chave: mulher; maternidade; contemporaneidade.

ABSTRACT

The present Master's Dissertation adopted the Post-Structuralism perspective as theoretical reference. It refers to a qualitative research whose main objective was to comprehend motherhood for ten women within the ages of 25 and 35 years old, without children, living in the city of Recife. We identified their projects and priorities of life, their concept of maternity and their feelings, conflicts and beliefs related to the subject. For the research we used a semi-structured interview, which was carried out individually and taped by the researcher. The Analysis of Content (MINAYO, 1999) was used to analyze the obtained material. As the interviews were analyzed we understood that the participants' first priority, as a life project, is profession, followed by sentimental life and maternity. The results point to a significant change in feminine identity, revealing that women, nowadays, plan maternity according to their professional careers and their conjugal stability. Nevertheless, at the same time they assume a new position in their careers and dedicate to an occupation, they also desire with the same intensity for maternity. Therefore the subject-positions that these contemporary women assume must not be thought of as something stable but as a process of continuum identification which is connected to a wider context such as: culture, politics, religion, economy and others. In the same way, we can affirm that there isn't only one representation of maternity and only one way to be a mother. There is it's a continuum process of construction. We are plastic beings becoming as we interact with others in the world we live. We formulate and reformulate our ways of life, we assume and abandon identities, we are crossed by the historical context and dominant discourse that existed in the lives we live.

Key word: women, maternity, contemporaneity.

RESUMEN

Esta tesina adopta la perspectiva pos-estructuralista como referencia teórica. Es una investigación cualitativa que ha tenido como objetivo general comprender la representación de la maternidad en mujeres contemporáneas. Investigó 10 mujeres con edad entre 25 y 35 años, sin hijos, de las capas medianas de la sociedad en la ciudad de Recife. Identificamos sus proyectos y prioridades de vida, la representación de maternidad y los sentimientos, conflictos y creencias relacionados al tema. Para la investigación utilizamos una entrevista en profundidad, realizada individualmente y grabada pela investigadora. Para el análisis del material obtenido se utilizó el Análisis de Contenido (MINAYO, 1999). Al analizar las entrevistas, comprendemos que las entrevistadas ponen en primer lugar, como proyecto de vida, la profesión, en seguida la vida amorosa y la maternidad. Los resultados demuestran un significativo cambio en la identidad femenina, revelando que la mujer, hoy, planea la maternidad de acuerdo con sus conquistas profesionales y estabilidad conyugal. Así, al mismo tiempo en que asume una nueva posición en el mercado de trabajo y se dedica mucho a su profesión, no se debe extrañar el hecho de que también desee, con la misma intensidad, la maternidad. Pero, las posiciones-de-sujeto que la mujer contemporánea asume, hoy, no debe ser pensada como algo estable, mas como un proceso de identificación constante, que está inserido en un amplio contexto, del cual forman parte: la cultura, la política, la religión, la economía, entre otros factores. De la misma forma, podemos afirmar que no existe un único modo de ser madre o una única representación de maternidad. Lo que hay es una construcción permanente, un proceso de identificación constante. Como seres plásticos, nos construimos en conjunto, en interacción con el mundo que habitamos. Formulamos y reformulamos los modos de existir, asumimos y abandonamos identidades, atravesados por el contexto histórico y lo discurso dominante en la época en que vivimos.

Palabras-llave: mujer; maternidad; contemporaneidad.

1 - IDENTIDADE FEMININA E MATERNIDADE NA ATUALIDADE

Vivemos, atualmente, em uma sociedade que passa por grandes transformações, na qual os sujeitos estão reformulando variados conceitos construídos durante a Modernidade. O sujeito pós-moderno se apresenta indefinido e diversificado nesse momento de questionamentos e adaptações.

A representação social da maternidade, também vem sofrendo modificações nessa esteira de desconstruções. O momento e as formas de ser mãe vêm se alterando ao longo do tempo e adaptando-se ao contexto sócio-histórico de cada época. O que se percebe é que a representação da maternidade se adequa à realidade na qual os sujeitos estão inseridos.

Com o propósito de compreender a representação da maternidade para mulheres contemporâneas, esse estudo vai tomar, como referência histórica, a Modernidade e as modificações que esta trouxe para a vida em sociedade.

Entende-se como Modernidade o período que compreende o final do século XVII até meados do século XIX, marcado inicialmente pelas idéias do Iluminismo e pela filosofia Cartesiana. Com o propósito de contextualizar um pouco mais esse tempo histórico devemos salientar, também, a Revolução Industrial, sua relevância para a sociedade vigente e as transformações que provocou nas relações sociais.

A Revolução Industrial marca o início do processo de acumulação de bens de capital. O processo de mecanização do trabalho modificou o sistema econômico que passou a ser capitalista. Esta mudança é o ponto culminante de uma evolução tecnológica, social e econômica em desenvolvimento desde a Idade Média. Os meios de produção deixam de depender, exclusivamente, da força de trabalho humana e animal com a entrada das máquinas e do novo

processo de fabricação que se instala. Nas fábricas, assim como nos demais postos de trabalho predomina a mão de obra masculina.

A Revolução Industrial é um dos marcos da transição da Idade Média para a Modernidade. A respeito das mudanças nas relações familiares ocorridas neste momento histórico, Rocha-Coutinho (2005) comenta:

(...) a transição da família feudal para a família burguesa moderna foi bastante ampla, não se atendo apenas à história da vida cotidiana. Ao contrário, ela apontou traços-chave que vão desde as relações de produção até a constituição de subjetividades, em que se acentuam a intimidade, a individualidade e as identidades pessoais. É somente com o advento da sociedade industrial que a temática da individualidade, da identidade pessoal, começa a se desenvolver, ao mesmo tempo em que os domínios público e privado se instalam, reestruturando tanto seus territórios como suas significações. Organiza-se, então, uma mudança radical nas prioridades de vida, em que começam a ser enfatizados o livre-arbítrio e a busca da felicidade pessoal (ROCHA-COUTINHO, 2005, p.123).

É neste período que se consolida a relação de família nuclear, baseada na afeição entre os parentes e na intimidade entre pais e filhos. Neste momento, acentua-se a figura feminina como 'mulher-esposa' e 'mulher-mãe', sendo a sua principal função social, a maternidade.

Neste contexto sócio-histórico, marcado fortemente pelo discurso patriarcal, fazia-se presente a idéia de que a mulher deveria dedicar-se às tarefas do lar e aos cuidados com o marido e os filhos. As mulheres casadas eram vistas com mais respeito e prestígio pela sociedade em geral. Sua atuação restringia-se ao ambiente doméstico e à maternidade, fazendo da mulher a principal responsável pela construção de um ambiente familiar harmônico e aconchegante. Essa concepção de família, portanto, elege a mulher-mãe como figura central:

(...) a mulher passa a ser a principal responsável pelo bem-estar da criança e do esposo, e é importante intermediária entre o pai – cada vez mais ausente em seu trabalho fora de casa – e os filhos (ROCHA-COUTINHO, 2005, p. 123).

Os postos de trabalho são ocupados predominantemente por homens, são eles os responsáveis pelo sustento da família. Diante da instituição de tal modelo, coube à mulher adequar-se às exigências e expectativas criadas pela sociedade em torno desta nova realidade familiar. Ela então, passou a ocupar o seu dia-a-dia com tarefas da casa e a educação dos filhos. A dinâmica dessa estrutura familiar e a relação da família nuclear exigia cuidados que a ocupavam o dia inteiro, tornado-a economicamente dependente do marido, e psicologicamente dependente dos filhos (LIPOVETSKY, 2000). Essa nova configuração familiar restringe a mulher ao universo doméstico, ausentando-a de atividades sociais, tais como: o trabalho remunerado, o aprendizado escolar, o direito ao voto, entre outras proibições. Torna-se escassa sua participação na cena pública e nas rodas sociais. E, as poucas que trabalham ou freqüentam grupos sociais são vistas, em geral, com maus olhos pela sociedade. Trabalhar fora de casa é algo para homens. A respeito da divisão social de papéis entre os gêneros, Rocha-Coutinho (2005) afirma:

(...) a vida na sociedade industrial moderna caracterizou-se por uma série de pares de oposição: casa/trabalho, trabalho/lazer, produção/reprodução, adulto/criança, brincadeira/trabalho, entre outros. O trabalho tem lugar fora de casa, no espaço público, é remunerado e realizado principalmente por homens. A casa, ao contrário, domínio do privado, é o lugar de refúgio da família e nela o trabalho, realizado basicamente por mulheres, não é remunerado, posto que é, supostamente, realizado “por amor”. Aos homens, assim, passou a tocar o provimento financeiro da família, e às mulheres, os afazeres domésticos e a criação das crianças (ROCHA-COUTINHO, 2005, p.123).

A ausência da figura feminina no mercado de trabalho manteve-se forte até o início da Segunda Guerra Mundial. Com o início da guerra, os homens saíram para as frentes de batalha, deixando livres postos de trabalho que foram preenchidos pelas mulheres. A presença delas no mercado de trabalho tornou-se imprescindível, representando um salto inicial rumo às conquistas sociais femininas.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, no entanto, as mulheres foram obrigadas a voltar a ocupar o que se entendia como seu lugar na esfera social: rainha do lar. Isto, porém, não se deu completamente, pois as mulheres resistiram em deixar o trabalho fora de casa, dando sinais do que viria adiante: a intensificação do movimento feminista a partir da década de 1960.

No período entre as duas guerras mundiais, o estereótipo da mulher do lar, como diz Lipovetsky (2000, p. 209) “é quase incontestado, exaltado que é nos periódicos, nos romances, nos manuais escolares e nos discursos oficiais”. Após a Segunda Guerra, a mulher reivindica mais uma vez seu posto no mercado de trabalho remunerado, e nessa mesma época surge, nos Estados Unidos, a necessidade de inseri-la no mercado de consumo. Inicialmente, através da compra de aparelhos domésticos e, posteriormente, através de um apelo à beleza e à juventude, que passam a ser também obrigações da mulher, dando sinais da cultura da imagem e da sociedade de consumo que começava a se formar.

Em 1960 inicia-se um movimento que ressalta a situação da mulher dona-de-casa, ressaltando suas angústias, o vazio de sua existência e a ausência de uma identidade satisfatória. Esse movimento intensifica-se, evidenciando sua inconformidade. A divisão de papéis é posta na berlinda

como motivo de revolta, e o sonho do casamento e de uma vida voltada exclusivamente para o lar e os filhos, antes compartilhado entre as mulheres, agora é sinônimo de pesadelo. Daí em diante, iniciam-se as lutas sociais pela equivalência de direitos entre homens e mulheres.

No século XX, a década de 60 trouxe a público um movimento que já existia desde o final do século XIX, por direitos iguais e pela participação da mulher nas áreas política, trabalhista e civil. Esse momento social pôde descortinar reivindicações da classe feminina que já existiam, porém não encontravam forças para promover mudança. Um acontecimento importante, neste período, e que impulsionou a mudança da condição da mulher dentro da sociedade, foi a influência das idéias contidas no livro de Simone de Beauvoir – ‘O Segundo Sexo’, originalmente escrito em 1949. Este livro constitui um marco no movimento feminista, por possibilitar através de seu discurso, uma ruptura na história da mulher do século XX. Foi um sucesso de vendas. Nele, Beauvoir descreve o que significava para ela ser mulher, propondo-se a investigar a situação das mulheres ao longo da história moderna, o que resultou em um extenso ensaio sobre como havia sido concebida a mulher da sua época. Ela constrói nesse livro, uma análise sobre as mulheres, as situações em que vivem e como se poderia tentar uma melhora em suas vidas, ampliando sua liberdade. O efeito de seu conteúdo parece provocar nelas inquietação e questionamentos, gerando mais disposição para lutar por seus direitos e repensar o seu lugar na sociedade.

A partir de então, constrói-se uma reflexão coletiva, na qual a mulher pôde construir uma nova história e reinventar projetos para o futuro (ARÁN, 2003). Aos poucos, ela consegue sair do espaço privado de reprodução para a

esfera pública de produtividade. Atualmente, passadas algumas décadas desde o movimento feminista, é notório que o seu projeto de vida, suas escolhas profissionais, suas vontades e suas relações amorosas são pautadas por uma outra realidade. Hoje, a identidade feminina se forma em cima de outras bases, e não mais pelo que antigamente se anunciava como sendo de sua natureza (ARÁN, 2003). A mulher contemporânea tem o trabalho como prioridade, algo inquestionável, uma exigência individual (LIPOVETSKY, 2000).

Quanto a um ponto polêmico que costuma suscitar atritos entre os casais, a questão do excesso de atividades causado pela dupla jornada de trabalho para a mulher, Lipovetsky (2000) comenta que as mulheres acabam transferindo suas competências profissionais, de organização e de iniciativa para a esfera do lar. Esta realidade encontra-se presente ainda hoje, sobretudo em culturas de países latinos, e de países considerados de terceiro mundo, que guardam uma marca patriarcal mais evidente. Podemos supor, também, que tal fenômeno ocorra devido ao tempo necessário para que seja consolidado um novo funcionamento social. Temos a tendência de reproduzir modelos já firmados pela sociedade. Sobre isso Silva (2000b) comenta:

(...) a reprodução social é o processo pelo qual são perpetuadas, ao longo do tempo, as relações de dominação entre os vários grupos sociais. (...) a educação contribui para o processo da reprodução social (SILVA, 2000b, p. 98).

A subjetividade feminina, durante muito tempo, formou-se a partir de modelos tais como: mulher-mãe, mulher-esposa e mulher-dona de casa. Por subjetividade deve-se entender aquilo que “refere-se às propriedades e aos elementos que caracterizariam o ser humano como sujeito (...)” (SILVA, 2000a, p. 101).

Quando pensamos a história das mulheres na sociedade a partir do século XVIII, percebemos que lhes foi ensinado manter um comportamento meigo e discreto. Suas oportunidades de aprendizado estavam ligadas especialmente a tarefas que envolviam o ato de cuidar. Atividades como costura, bordado e culinária eram valores ensinados às mulheres, os quais elas deveriam possuir para estarem 'prontas' para casar.

Hoje, porém, o cotidiano doméstico parece atrair cada vez menos as novas gerações. A atividade de dona-de-casa não confere prestígio social, nem promessa de felicidade. Pelo contrário, muitas vezes, é motivo de sentimento de vazio e inutilidade.

Em meio a transformações de tal magnitude, na sociedade e na família, entende-se que a atividade materna também se modificou, tornando-se um campo habitado por contradições. Em decorrência de tais contradições, ainda hoje, é comum o discurso que nos remete às idéias do patriarcado, como por exemplo: 'a mulher sem filhos é uma mulher não-realizada'. Sobre esta questão é interessante observar o que diz Rocha-Coutinho (2005):

(...) a despeito de todas as mudanças ocorridas nas últimas décadas, parece que nossas crenças ainda estão muito ligadas à idéia de que a unidade mãe-filho é básica, universal e psicologicamente mais apropriada, tanto para o desenvolvimento sadio da criança quanto para a completude da mãe (...) acreditamos, assim, que, no que diz respeito à mulher contemporânea, uma das questões mais complexas, problemáticas e conflitantes continua a ser a maternidade (ROCHA-COUTINHO, 2005, p.125).

É com base nesse cenário social, que abordamos o tema maternidade, buscando compreender qual a representação da maternidade que têm mulheres imersas em um tipo de cultura que promove o consumo exacerbado, no qual o prestígio é conferido a medida em que se conquista o poder

econômico e a profissionalização. Uma sociedade individualista, em que o progresso financeiro simboliza o passaporte para a felicidade. O enriquecimento garante, em nossa sociedade, a presença e reconhecimento em círculos sociais, e a inclusão no mercado de consumo.

Trabalhamos com o conceito de representação decorrente da perspectiva pós-estruturalista ou, como também é chamada, filosofia da diferença. O pós-estruturalismo compreende que as representações são transmitidas através de uma marca visível e exterior, presente no discurso sócio-cultural. Nessa perspectiva, o termo representação é entendido como algo instável, indeterminado e em constante mudança.

A representação é aqui entendida como o significado, o sentido que damos a um tema. É assim que compreendemos o mundo, a partir das representações que dele temos, e através da linguagem constituímos as representações. Por conceber a linguagem como uma estrutura instável e indeterminada, a perspectiva pós-estruturalista questiona a noção clássica de representação. A respeito do conceito de representação e sua construção social, Silva (2000a) comenta:

(...) a representação é concebida como um sistema de significação, mas descartam-se os pressupostos realistas e miméticos associados com sua concepção filosófica clássica. Trata-se de uma representação pós-estruturalista. Isto significa, primeiramente, que se rejeitam, sobretudo, quaisquer conotações mentalistas ou qualquer associação com uma suposta interioridade psicológica (...) a representação é concebida unicamente em sua dimensão de significante, isto é, como sistema de signos, como pura marca material. A representação expressa-se por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral. (SILVA, 2000a, p.90).

Segundo esse teórico, a representação não é uma atividade mental ou interior, algo interno que se projeta para o meio, ela é compreendida como construção mútua e contínua, mas não entre um dentro e um fora, pois aqui não há essa separação. Deve-se ter uma compreensão que não diferencie entre interno e externo, como entende o senso comum. A definição de senso comum é aqui entendida como o “conjunto de pressupostos sociais que são aceitos sem questionamentos” (SILVA, 2000b, p. 99). Ainda sobre a definição de representação Silva (2000b) esclarece que:

(...) a análise da representação concentra-se em sua expressão material como ‘significante’: um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia. Pesquisam-se aqui, sobretudo, as conexões entre identidade cultural e representação, com base no pressuposto de que não existe identidade fora da representação (SILVA, 2000b, p. 97):

O pós-estruturalismo anuncia a ‘morte’ do sujeito unificado, fixo, ‘parado lá’, e o substitui por uma concepção de sujeito em processo, transformador e transformado, através da interação contínua com o mundo. Inserido e construindo-se em um dado momento histórico e contexto sócio-cultural. Dessa forma, entende-se que o sujeito não é autônomo e que seu comportamento não está baseado em decisões privadas. O que há é uma subjetividade distribuída e socialmente construída, dialógica, descentrada e múltipla, nômade, situada a um dado contexto sócio-histórico-político. Como diz Silva (2000b):

A subjetividade – tal como a identidade – é uma matriz de posições-de-sujeito, que podem ser inconsistentes ou até mesmo contraditórias entre si. A subjetividade é, pois, lingüística e discursivamente construída e deslocada ao longo da gama de discursos nos quais os indivíduos conceitos participam (SILVA, 2000b, p. 93).

São diversos os discursos sociais vigentes e, eles próprios, se transformam, modificando as identidades. Tais discursos determinam os lugares, a partir dos quais os indivíduos se reconhecem. Porém, é importante salientar que os discursos sociais a respeito do lugar atribuído às mulheres são múltiplos e contraditórios e, além disso, as respostas dadas a eles também são diversificadas.

Construímos nossa subjetividade em um contexto social, no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos. Com o uso do termo 'posições de sujeito' a crítica pós-estruturalista visa esclarecer:

(...) que não existe um sujeito originário, transcendental, pré-social e pré-discursivo: cada discurso põe o sujeito numa determinada posição. Na medida em que o sujeito é pensado como correspondendo a discursos que podem ser diversos e contraditórios, o conceito 'posições de sujeito' permite conceber a subjetividade como construída, contraditória e fragmentada (SILVA, 2000a, p. 93).

É no contexto social que adotamos uma identidade. As posições-de-sujeito que assumimos e com as quais nos identificamos, constituem as nossas identidades (HALL, 2000). Ao assumir a posição-de-sujeito 'mãe', a mulher identifica-se e constitui uma identidade materna, passando a vivenciar um sentimento cultuado pela sociedade: 'o amor materno incondicional'. Porém, as identidades, segundo Hall (2000), são pontos de apego temporário às posições-de-sujeito, construídas pelas práticas discursivas.

Seguindo a perspectiva pós-estruturalista, entendemos que a mulher não guarda em si um dom mágico que será revelado com a experiência da maternidade. Este amor poderá ou não ser aprendido com a prática da

maternagem que, como esclarece Rocha-Coutinho (2005, p.123), se diferencia da maternidade porque: “pode ser realizada tanto por homens quanto por mulheres”, não é algo biológico. Sobre identidade, Silva (2000) comenta que:

(...) não é uma essência, não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, permanente, nem tampouco homogênea, acabada, idêntica ou unificada. Ao contrário, a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. Ela é instável, contraditória, fragmentada e inconsistente (SILVA, 2000a, p. 96-97).

A representação materna é aqui compreendida como um processo cultural. Este processo estabelece identidades individuais e coletivas, assim como os sistemas simbólicos que servem de referência. Nas palavras de Woodward (2000):

(...) a representação inclui práticas de significação e sistemas simbólicos, por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos, inclusive, sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (WOODWARD, 2000, p. 17).

Para Tomaz Tadeu da Silva (2000a, p. 91), “representar, no caso das identidades, significa dizer: essa é a identidade, a identidade é isso”.

Com este trabalho, buscamos compreender como mulheres com idade entre 25 e 35 anos, sem filhos, representam a maternidade, e como esta representação aparece em seus discursos. Visando tal objetivo, entrevistamos dez mulheres a respeito do que representa ser mãe na atualidade e, à luz da teoria pós-estruturalista, analisamos os conteúdos de seus depoimentos com o objetivo de desenvolver um estudo qualitativo.

Foi nosso objetivo, também, identificar os projetos e as prioridades de vida dessas mulheres, o lugar que a maternidade ocupa nesses projetos, além de relacionar os sentimentos, conflitos e crenças ligados ao tema.

Nos próximos capítulos apresentaremos a metodologia da pesquisa, os critérios para a escolha do perfil de mulheres entrevistadas, e faremos suas apresentações, de maneira breve e individualmente.

Em seguida, faremos a análise das entrevistas. Esta análise está dividida entre os núcleos que mais se ressaltaram nas entrevistas. A discussão de seu conteúdo será permeada pela teoria pós-estruturalista e virá entrelaçada pela fala das mulheres entrevistadas.

Por fim, faremos algumas considerações a respeito do tema proposto e do resultado obtido sem, no entanto, pretender fechar a discussão, mas sim com o intuito de ampliar a discussão sobre as novas formas de ser mulher e mãe na contemporaneidade.

2- O MÉTODO PARA ALCANÇAR NOSSO OBJETIVO

Considerando-se a classificação metodológica proposta por Chizzotti (1995), esta pesquisa, teve como procedimento o método qualitativo. Este possibilita uma postura participante em que o(a) pesquisador(a) interage com o sujeito, na medida do necessário. As entrevistas realizadas, portanto, não se limitaram às perguntas contidas no roteiro da entrevista (ver anexo II), permitindo a inserção de questões relativas ao tema à medida que surgissem a partir das respostas das participantes. Com isso pôde-se alcançar um maior entendimento da temática pesquisada.

Utilizamos para a coleta de dados a entrevista semi-estruturada com roteiro de entrevista que, de acordo com Minayo (1999), permite apreender o ponto de vista dos sujeitos entrevistados a partir dos objetivos a serem pesquisados. Tal roteiro conteve poucas questões de modo a apenas nortear a pesquisadora, deixando-a livre para a inserção de perguntas pertinentes ao tema e de acordo com o que foi respondido no decorrer da entrevista. Segundo esta autora (1999, p. 108), a entrevista semi-estruturada “(...) possibilita ao entrevistado discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas”. Este instrumento deve orientar uma “conversa com finalidade”, servindo como “o facilitador de abertura, ampliação e aprofundamento da comunicação” (MINAYO, 1999, p. 99).

A entrevista foi concedida individualmente e em lugar e horário convenientes para a participante; foi gravada em fita cassete e, posteriormente, transcrita pela pesquisadora, seguindo rigorosamente as palavras das entrevistadas, tentando manter o máximo de fidelidade com relação ao que foi

dito. Procuramos registrar gestos relevantes, risos, preservando o uso de expressões coloquiais, as gírias, as pausas, as hesitações e ênfases, entre outros aspectos, de acordo com o que recomenda Rocha-Coutinho (2005).

A coleta de dados foi feita pela pesquisadora, que entrou em contato com as mulheres através da indicação de terceiros, informando-as sobre o objetivo da pesquisa e pedindo-lhes seu consentimento para participar, por escrito, através do 'Termo de Consentimento Livre e Esclarecido' (Ver anexo I). As entrevistadas foram informadas, também, de que seria mantido sigilo sobre suas identidades. Além disso, foi dito que poderiam desistir de participar da pesquisa, caso desejassem, sem sofrer qualquer tipo de prejuízo.

O tema ora proposto aponta para a complexidade e diversidade do contexto sócio-cultural no qual o sujeito (neste caso, a mulher):

(...) encontra-se entrelaçado a um modelo de sociedade-espetáculo, cujo discurso psicopatológico recebe em seu corpo teórico um conjunto de transformações antropológicas que transformam as maneiras de conceber o sujeito, subvertendo hierarquias e valores que marcaram a modernidade (BIRMAN, 2001, p.190).

Tal cartografia social serviu-nos de base para os questionamentos acerca da maternidade. É importante frisar que nos detivemos aos fatores psicossociais, apesar de admitir que alguns depoimentos são passíveis de um outro tipo de análise, pois evidenciaram fatores inconscientes, como medos e angústias muito latentes.

Vale ressaltar, também, que adotamos uma perspectiva de compreensão dos Estudos Culturais por entender que o sujeito, neste caso a mulher, ratifica seu desejo e suas crenças através da interação com a sociedade e a cultura (PINTO, 2005). Esta metodologia não prioriza apenas o

aspecto psíquico do discurso das entrevistadas, preocupa-se também em analisar os aspectos sociais e culturais de suas vidas, assim como a relevância sócio-cultural da temática abordada. Os Estudos Culturais baseiam-se na teoria pós-estruturalista e definem cultura como “a totalidade da experiência vivida dos grupos sociais” (SILVA, 2000, p. 55).

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa não pré-determinamos o número das participantes a serem entrevistadas, baseando-nos no que diz Turato (2003):

A amostragem proposital, intencional ou deliberada (...) é definida metodologicamente, dentre outros modos possíveis, como aquela de escolha deliberada de respondentes, sujeitos ou ambientes, oposta à amostragem estatística, preocupada com a representação de uma amostra em relação à população total (...) o autor do projeto delibera quem são os sujeitos que comporão seu estudo, segundo seus pressupostos de trabalho, ficando livre para escolher entre aqueles, cujas características pessoais possam, em sua visão enquanto pesquisador, trazer informações substanciais sobre o assunto em pauta (...) a amostragem proposital está para a pesquisa qualitativa assim como a amostragem randômica está para pesquisa quantitativa (TURATO, 2003, p. 356-357).

No momento em que alcançamos dados suficientemente esclarecedores para os nossos objetivos, suspendemos as entrevistas. Como resultado, tivemos a participação de dez mulheres, com idades variando entre 25 e 35 anos, sem filhos e pertencentes à camada social média, residentes na cidade do Recife, Estado de Pernambuco.

Com relação ao termo ‘camada social’ e tomando por base o conceito adotado por Quintas (2000), entendemos esse termo como o mais adequado. Com isso procuramos livrar a ideologia de *classe*, por entender que esta denota algo rígido e categorizado. A denominação camada social permite uma

maior flexibilidade quanto aos critérios de inclusão dos sujeitos pesquisados. Incluem-se como critérios o local de moradia, a escolaridade, a profissão e a renda familiar.

Ao escolhermos como amostra mulheres na faixa etária entre 25 e 35 anos, não desconhecemos a importância da maternidade para as mulheres de outras faixas etárias, porém, consideramos esta como uma idade decisiva em muitos aspectos. Nesta faixa etária efetivam-se, geralmente, eventos importantes na vida de uma mulher, como a afirmação profissional, a busca por um parceiro afetivo e o desejo ou não de procriação.

A escolha por mulheres sem filhos teve a finalidade de compreender a representação da maternidade, o mais livre possível da experiência de terem vivenciado a maternidade.

Para a análise do material obtido, através das entrevistas, utilizamos a técnica da Análise de Conteúdo proposta por Minayo (1999) que a conceitua da seguinte maneira:

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (MINAYO, 1999, p. 199).

Segundo Minayo (1999), são várias as técnicas de Análise de Conteúdo que vêm sendo desenvolvidas, contudo, para esta autora, as que melhor se adequam ao tipo de investigação a que a pesquisa qualitativa se propõe são as técnicas da Análise da Enunciação e a Análise Temática do Conteúdo.

Optamos, para esta pesquisa, pela técnica da Análise Temática do Conteúdo. Este tipo de Análise de Conteúdo:

(...) consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado... a análise temática se encaminha, qualitativamente, para a verificação da presença de determinados temas denotando os valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso (MINAYO, 1999, p.209).

Dessa forma, portanto, visamos compreender os conceitos, os modelos e os sentimentos relativos à temática da maternidade presentes no discurso das mulheres que constituíram o grupo pesquisado nesse estudo. Optamos pela teoria pós-estruturalista como marco teórico, à qual recorreremos, também, para a análise do conteúdo das entrevistas das participantes. Segundo Michael Peters (2000), o pós-estruturalismo:

(...) pode ser caracterizado como um modo de pensamento, um estilo de filosofar e uma forma de escrita, embora não deva ser utilizado para dar qualquer idéia de homogeneidade, singularidade ou unidade. O termo "pós-estruturalismo" é, ele próprio, questionável e não deve ser simplesmente reduzido a um conjunto de pressupostos compartilhados, a um método, ou até mesmo a uma escola. É melhor referir-se a ele como um movimento de pensamento - uma complexa rede de pensamento - que corporifica diferentes formas de prática crítica. O pós-estruturalismo é interdisciplinar, apresentando-se por meio de muitas e diferentes correntes (PETERS, 2000, p.28).

Após esses esclarecimentos, a respeito dos requisitos de escolha das entrevistadas e dos procedimentos utilizados para a colheita e análise do material obtido através das entrevistas, cabe fazer uma breve apresentação das mulheres que participaram dessa pesquisa. É importante frisar que os nomes reais das participantes foram substituídos por nomes fictícios, com o intuito de preservar sua privacidade.

AS MULHERES ENTREVISTADAS

Nina

Eu acho que, antigamente, a mulher se preocupava mais em ter filhos, agora não, a mulher quer saber de trabalhar, trabalhar... e filho fica em segundo plano, porque em primeiro fica a carreira, principalmente porque precisa dividir as despesas...(Nina).

Nina tem 25 anos, mora com os pais e mais quatro irmãs, ela é a mais velha dentre as cinco irmãs. Tem um relacionamento de seis anos e está noiva, pretendendo casar-se quando se formar ou quando já estiver trabalhando. Terminou seus estudos secundários e prestará, novamente, vestibular para o curso de medicina; Atualmente faz cursinho pré-vestibular. Afirma que pretende ser mãe, mas que em primeiro lugar está a carreira profissional. Sua mãe, diz ela, deixou de trabalhar quando casou-se, pois seu pai era: *“meio machista”*. Contudo, depois de alguns anos e, após ter cinco filhas, arrependeu-se, decidiu trabalhar, o que para Nina parece ser a prova de que não dá para viver só em função dos filhos. Nina diz que *“toda mulher quer ser mãe”*, sendo esta uma realização sonhada por todas. Se pudesse teria filhos hoje, confessa. Acha importante estar com um parceiro ao decidir ter um filho: *“para poder dividir as responsabilidades”*. Para ela o mais importante quando se pensa em ter filhos é a estabilidade financeira, para poder: *“dar o melhor aos filhos”*, esse ‘melhor’ é poder estar presente em tudo, dando carinho e atenção. Está consciente de que a carreira de médica exigirá tempo e dedicação, mas no que *“eu puder me dividir entre trabalho e filhos, vou fazer”*. Para ela não dá para a mulher ficar em casa cuidando dos filhos: *“a mulher tem que ter sua vida profissional”*.

Amanda

Ser mãe é muita responsabilidade, você precisa de um suporte... de um marido a princípio, e, se não for dessa forma, ao menos da presença do pai da criança... precisa uma estabilidade emocional e, principalmente, financeira... mas... eu quero, é um projeto para o futuro (Amanda).

Amanda tem 26 anos de idade, mora com os pais e uma irmã mais nova. É formada em Psicologia há um ano e meio e trabalha no consultório da mãe que, também, é psicóloga. Está fazendo especialização em Psicologia Clínica e estudando para concurso público. Para ela ter um filho requer uma condição financeira que possibilite “*dar o mínimo à criança*”. Sua pretensão para o futuro é casar-se: “*tudo certinho*”, mas a prioridade, agora, é adquirir estabilidade financeira. Ser mãe para ela é algo que remete a muita responsabilidade e, para tal, é preciso o suporte de um marido e de estabilidade emocional. Considera que as relações entre pais e filhos perderam mais em qualidade do que em quantidade. A maternidade, diz ela, faz com que a mulher deixe muito de lado “*suas coisas*” pelo filho. Segundo ela, é preciso maturidade para abdicar de algumas dessas ‘coisas’, por exemplo: a diversão, o descanso, o conforto, viagens, a liberdade e a despreocupação de não ter nada, nem ninguém para cuidar; o problema, para ela, é que esse e outros cuidados recaem mais sobre a mãe. Considera que apesar da maternidade: “*duplicar, quadruplicar a carga horária da mãe*” (fato que ela atribui à cultura) não a impede de conciliar a função de mãe com a carreira profissional. Em sua opinião, muitas vezes, as próprias mulheres não permitem que o homem cuide da criança.

Sandra

Eu acho que hoje em dia as pessoas estão mais inteligentes, porque antigamente era filho a torto e a direita, sem condições... as pessoas estão sendo mais inteligentes porque estão ponderando antes de botar um filho no mundo... tem que ter recursos para botar um filho no mundo, as pessoas estão planejando, acho que está havendo planejamento (...) hoje o meu projeto de vida é trabalhar muito (...) me entusiasmei, me apaixonei pela odontologia (Sandra).

Sandra tem 26 anos e mora com os pais e uma irmã mais velha, está noiva há um ano. É formada há poucos meses em Odontologia e planeja fazer uma especialização. No momento, atende em consultório particular. Seus projetos de vida estão, hoje, restritamente ligados à área profissional, é muito dedicada e apaixonada por sua profissão. Deseja, em um futuro próximo, entrar no Programa de Saúde da Família (PSF) programa do governo na área da saúde, voltado para a população de baixa renda. *“O que quero agora é me afirmar profissionalmente e crescer como odontóloga”*. Noivou há pouco mais de um mês e diz que por seu noivo eles casavam no próximo ano, mas para ela não deve ser assim. Deseja muito se casar e ter sua família, ter filhos, mas, em primeiro lugar está seu projeto profissional. Mostra-se uma mulher que gosta de ‘planejar’ as etapas de sua vida e o que tem para realizar. Para casar-se, quer antes ter a renda própria: *“não quero depender de marido para nada, sempre fui assim”*. Representa a maternidade como: *“a melhor coisa que uma mulher pode sentir...”*. Para ela, a mulher, ao tornar-se mãe, amadurece, se fortalece, e dispõe de mais coragem do que antes. Considera que a maternidade traz consigo um sentimento de abnegação, e a mulher passa a abrir mão de si em prol do filho(a): *“tudo é para o filho”*.

Aline

(...) eu nunca parei para pensar no que significa ser mãe, sempre tive vontade, adoro criança, tenho 'uma coisa' de cuidar...mas, eu nunca pensei o que é... eu tenho medo, acho que é medo de ser responsável por outra pessoa, educar, cuidar, ser responsável por tudo que acontece na vida da pessoa, medo de ser responsável, medo de educar (Aline).

Aline tem 26 anos de idade, mora com os pais e duas irmãs mais novas, é solteira e, no momento, não está namorando, tem como religião o protestantismo. Tem o segundo grau completo e está cursando a Faculdade de Ciências Contábeis, além de dedicar-se ao estudo para prestar concurso público na área jurídica. Seu principal projeto de vida é passar em um concurso público e terminar a Faculdade, para depois começar a cursar Direito. Diz que, no momento, não tem outro projeto, mas revela que pretende casar e ter filhos, porém apenas quando estiver 'estruturada financeiramente'. Aline diz que nunca parou para pensar no significado da maternidade, apenas tem vontade, pois adora criança. Mas revela ter medo de ser mãe, para ela, o que pode agravar esse medo é o fato de os relacionamentos estarem muito instáveis. Diz que é muito importante a segurança de uma *família tradicional* para que os cuidados com o filho sejam compartilhados pelo casal parental. Tem na mãe um modelo e idealiza a maternidade como um papel social exercido por uma mulher que possa ser amiga, saiba ouvir e seja exigente “*no sentido de impor regras*”. As principais condições necessárias para ser mãe, diz ela, é a financeira e o tempo, além de vontade e disposição.

Bruna

(...) eu adoro criança, adoro, eu amo criança, mas não é uma coisa que eu queira a curto prazo, nem a médio, acho que é a longo prazo... embora eu goste muito de criança eu não me acho preparada para ser mãe, nem financeiramente, nem psicologicamente, não me acho madura o suficiente para ser mãe, né?... eu acho que pra ser mãe você tem que se preparar primeiro, psicologicamente. (Bruna)

Bruna tem 26 anos, mora com os pais, uma irmã mais velha e uma sobrinha de oito meses. Está solteira e sem namorado, no momento. É formada em Direito e está se preparando para prestar concurso público na área jurídica. Suas principais metas de vida estão ligadas à carreira profissional, em primeiro lugar, e ao casamento, em segundo lugar. Deseja passar em um concurso *menor* para a área jurídica (um cargo mais simples) e só então tentar outro concurso *“maior”* para a magistratura. Revela-se uma mulher que planeja e organiza sua vida em etapas a cumprir. Como projeto pessoal diz ter *“como toda mulher, o sonho de casar-se”*. Porém, esclarece que esta não é sua maior meta de vida, seu maior projeto é tornar-se juíza. Como ela mesma afirma: *“o meu projeto de vida é primeiro me constituir, me estabilizar, ter condições, uma estrutura para então ter uma família, criar meus filhos”*. Considera que uma família deve ter uma base sólida, uma estrutura financeira que a mantenha. Deseja ser mãe, pois adora criança. Mas não se acha preparada para ser mãe, nem financeiramente, nem psicologicamente. Divide a mulher em três tipos: a profissional, a mãe e a amante ou esposa. E ao tornar-se mãe, conclui, a mulher deixa de ser mulher um pouco profissional e esposa para ser mãe.

Alana

*Acho que a maternidade é a mesma coisa de antigamente, procriar, dar continuidade à família, a importância de se realizar como mãe. Acho que a grande maioria das mulheres quer ser mãe... acho que está a mesma coisa, tirando que, hoje em dia, a mulher leva em consideração logo o lado profissional. Mas, eu não conheço uma mulher que não queira ter filhos, conheço homem...
(Alana).*

Alana tem 26 anos, mora com a mãe, dois irmãos e a avó materna. Está noiva. Cursa a Faculdade de Direito e trabalha como policial civil. Em primeiro lugar, fala sobre o desejo de conceber uma família, mas pouco depois se ‘corrije’ adequando ao que parece ser um modelo social: *“aliás, a princípio, profissionalmente, eu ainda não estou realizada profissionalmente, então realização profissional”*. Quer tornar-se juíza, não pretende advogar. Em segundo lugar está a constituição de uma família. Ter filhos e casar é, para ela, algo muito importante. *“Um casamento como antigamente, digamos assim...”*. Ser mãe é a realização máxima da mulher. Sua representação de maternidade é a de alguém que coloca em primeiro lugar o filho. Toma a própria mãe como exemplo desse comportamento. Vê diferenças nas funções maternas e paternas, concedendo à mãe uma abnegação ‘natural’, um amor incondicional, algo instintivo na mulher. Considera que para tornar-se mãe precisa *“estar melhor financeiramente e já estar casada (...)”*.

Bárbara

(...) na época da minha avó, que já trabalhava fora, todas as mulheres trabalhavam em casa, então ser mãe com dezessete, dezoito ou dezenove anos era muito fácil e a coisa mais simples do mundo, era o objetivo delas, cuidar da casa, do marido...era um caminho natural, a gente vê que mesmo as mulheres com um nível de escolaridade maior, tinham muito mais filhos do que hoje, não é porque as condições melhoraram ou pioraram não, mas é porque elas estavam voltadas para aquilo mesmo. (...) hoje, a fase da vida para ser mãe é outra, geralmente uns trinta anos (Bárbara).

Bárbara tem 31 anos, mora sozinha faz um ano e meio. Foi casada por sete anos, mas separou-se e, agora, está divorciada. É jornalista e tem Mestrado em Comunicação. Atualmente trabalha como jornalista e assessora de imprensa. Diz estar, atualmente, mais voltada para a área profissional, revelando que sempre percebeu em si uma tendência a valorizar muito o trabalho e a atuação profissional. Esta questão foi, segundo ela, uma das causas para o término de seu casamento. Por enquanto seus objetivos são continuar investindo na profissão até sentir-se realizada o "suficiente" para mudar de foco. Ser mãe também é um projeto importante em sua vida, pois adora criança. Não pretende deixar a maternidade "muito para depois" (sic) e revela que sua mãe, também, passou a vida inteira priorizando o trabalho e, somente aos trinta e cinco anos de idade tornou-se mãe. Bárbara percebe que a maternidade requer uma dedicação da mulher que modifica completamente sua vida. Segundo ela, há uma diferença entre a dedicação do pai e da mãe. Acredita que a mãe é mais dedicada ao filho e que acumula mais trabalho do que o pai. Diz que hoje é diferente de um tempo atrás, quando a preocupação da mulher era apenas cuidar do filho. Em sua opinião, para ter um filho a mulher deve, antes de tudo, querer.

Carolina

(...) eu acho que a mulher precisa de um apoio, precisa de um homem, não de um macho, de um homem que segure na mão dela e engravide junto com ela, porque a gente fica muito sensível, a gente chora por qualquer coisa, se sente fraca, se sente indefesa, a gente vira criança muitas vezes, a gente quer dividir a alegria e muitas vezes não tem com quem dividir...então é horrível você ser grávida sozinha (Carolina).

Carolina tem 30 anos, mora com os pais e um irmão em Recife, em um bairro de camada social média. É formada em Administração. Está solteira, mas namora há alguns meses. Há pouco tempo terminou um relacionamento de dez anos por ter sido traída, fato que a abalou profundamente, sendo motivo para a procura de ajuda psicológica. Atualmente, trabalha como sócia-gerente de uma Clínica Médica. Também é esportista e professora de dança. Diz que seu projeto atual é expandir seu negócio, alcançando um maior número de clientes em sua clínica. No campo pessoal, pretende casar-se e ter filhos, quer formar uma família e acha que este é “o sonho de toda mulher”. Considera a maternidade algo sublime e essencial da mulher. Para ela “não existem palavras para ela descrever o que é ser mãe”. Acha que Deus escolheu a mulher para carregar uma vida em seu ventre, e isto é uma dádiva. Também nos diz que não dá para falar de mãe e não pensar na palavra amor, dedicação, doação, amor incondicional. Para Carolina a maternidade tem que ter como base um bom relacionamento, sólido, com desejo de compromisso. Também percebe que atualmente as mulheres mais cultas, de camada social média ou alta têm filhos mais tarde.

Renata

(...) eu acho que se uma mulher disser que não tem o plano de ser mãe, ainda não chegou o momento dela, acho que a partir dos trinta anos você pensa mais nisso, mesmo aquelas pessoas mais individualistas sempre pensam, mas acho que ser mãe é realmente a realização da mulher, é consagrar, é criar algo que sai dela, esse espírito maternal é inerente à mulher.... ela se dedicar àquela criança... o vínculo emocional, é inexplicável essa ligação entre mãe e filho (...) eu acho que tenho um espírito maternal muito forte, é da mulher isso, é natural dela, não tem como ser diferente (Renata).

Renata tem 31 anos, mora com os pais em um bairro de camada social média da cidade de Recife. Tem um relacionamento de seis anos e está noiva. É formada em Direito. Atualmente, está apenas estudando para fazer concurso público para procurador (a) do Estado. Sua prioridade de vida, no momento, é estudar para passar neste concurso. Não vê espaço para planejar outra coisa. Associa projeto apenas ao campo profissional, e só depois quando a pergunta é mais direta, fala sobre filhos e casamento. Afirmar-se no campo profissional não só é prioridade absoluta como é motivo de ter deixado para depois todo o resto: casar, ter filhos, viajar, etc. Para ela, se uma mulher disser que não tem o plano de ser mãe é porque *“ainda não chegou seu momento”* (sic). A maternidade é, para Renata, a maior realização de uma mulher: *“é consagrá-la, é criar algo que sai dela, e esse espírito maternal é inerente à mulher”*. Ela acha que a maternidade está sendo adiada porque a mulher, hoje, precisa buscar um espaço no mercado de trabalho e o tornar-se mãe está sendo adiado para uma fase posterior onde ela tenha mais tempo. Para ela, a condição primordial para ser mãe é ter um mínimo de maturidade emocional; a maternidade deve acontecer em um momento em que se deseje porque a mudança é muito grande.

Maria Clara

A maternidade deve ser uma coisa belíssima, ver um filho nascer e acompanhar seu crescimento (...) deve ser uma grande satisfação, acho que cada mulher quer ou não quer ser mãe por fatores diferentes que têm a ver com sua história de vida, com seus valores e com sua relação com a própria mãe (...) querer ser mãe eu quero, mas ainda estou muito 'verdinha', tem um monte de coisa que quero resolver antes disso: trabalho, um emprego bom e uma pessoa bacana, madura que queira um compromisso mesmo, para formar família (Maria Clara).

Maria Clara tem 27 anos e mora com os pais e uma irmã mais nova em um bairro de camada social média da cidade do Recife. Está solteira, mas namora há seis meses. É formada em Psicologia, e atualmente, está fazendo cursinho para prestar concurso público. Aborda como prioridade dentre os projetos de vida, o trabalho. Está em um momento de decisões, quer fazer concurso público para ter um trabalho mais seguro e não tem vontade de abrir consultório. Revela que no plano pessoal quer casar ou morar junto, para ela o importante é ter alguém com quem dividir a vida *“as coisas boas e as ruins”*. Como as demais entrevistadas, também enfatiza a condição econômica como fundamental para se ter filhos. Confessa que quer ter filhos, mas que isso deve ser uma decisão do casal, pois é uma responsabilidade para toda vida e tem que ser muito bem pensado. Para ela, ser mãe é algo que *“dá medo”* (sic), a maternidade é uma função que deve ser exercida por um casal parental, pois estes se completam na criação de um filho. A maternidade, para Maria Clara, começa na preocupação com relação ao bem estar da criança, em como vai poder recebê-la no mundo e o que os pais podem lhe proporcionar. Por fim, ela diz perceber que cada mulher tem uma história de vida que culmina no fato de ela querer ou não ser mãe.

3 - UM DESLOCAMENTO NA IDENTIDADE FEMININA: A MULHER PROFISSIONAL

A dominação do masculino sobre o feminino é, como diz Lipovetsky (2000), a lei mais geral das sociedades, em todos os tempos, tendo a característica marcante de uma persistente valência diferencial entre os sexos. Esta valência, como diz esse autor, ressalta a existência de um longuíssimo histórico de dominância social, política e simbólica dos machos. O poder, as atividades de prestígio valorizadas no espaço público foram exercidas, principalmente, pelos homens desde eras remotas, formando uma hierarquia dos sexos, na qual foi atribuído ao masculino um valor superior em relação ao feminino. De acordo com Szapiro e Féres-Carneiro (2002):

Os primeiros discursos de lutas das mulheres pela melhoria de condições de trabalho, já desde o século dezanove, sinalizavam que o debate sobre a relação homem-mulher estava definitivamente colocado na agenda de discussões sobre as desigualdades sociais. No Brasil, as primeiras lutas trabalhistas e sufragistas das mulheres datam do final do século dezanove e das primeiras décadas do século vinte, e, ainda que restritas às questões do trabalho, introduziram na sociedade brasileira o debate sobre a desigualdade na relação homem-mulher e sobre a opressão dos homens sobre as mulheres (SZAPIRO e FÉRES-CARNEIRO, 2002, p. 180).

O que vemos, com essa explanação, é que a mulher durante muito tempo foi dominada pelos homens. Se fizermos uma retrospectiva e voltarmos um pouco na história da civilização, percebemos que na Grécia antiga, por exemplo, como cita Lipovetsky (2000, p. 232) a mãe “não era mais do que a nutriz de um germe depositado em seu seio; o verdadeiro protagonista da concepção era o homem”. Conforme Lipovetsky (2000):

(...) de Aristófanes à Sêneca, de Plauto aos pregadores Cristãos, domina uma tradição de diatribes e de sátiras contra a mulher, apresentada como ser enganador e licencioso, inconstante e ignorante, invejoso e perigoso. Mulher, mal necessário confinado nas atividades sem brilho, ser inferior sistematicamente desvalorizado ou desprezado pelos homens: isso desenha o modelo da 'primeira mulher' (...) a figura da primeira mulher se insere na longuíssima duração histórica: perdurou, em certas camadas de nossas sociedades, até a aurora do século XIX (LIPOVETSKY, 2000, p. 234).

A mulher medieval era escolhida por sua força e capacidade de trabalho. As esposas de comerciantes e camponeses trabalhavam, auxiliando seus maridos em suas atividades (LIPOVETSKY, 2000). Seu trabalho, porém não era remunerado. Após a cultura medieval, a mulher que começou a se formar trazia outras características. Desenvolveu-se, a partir de então, uma nova concepção do feminino, introduzindo o culto à figura feminina. Ela tornou-se fonte de inspiração dos poetas e músicos, a musa inspiradora. Assim, a mulher amada foi exaltada por suas perfeições, meiguice e pureza. Tornou-se uma espécie de anjo idealizado por sua beleza e qualidades passivas. Glorificada em verso e prosa pelos homens, era agora a responsável pelos múltiplos discursos sociais que a enalteciam, colocando-a em um trono e ressaltando sua 'natureza' doce e ingênua.

É também nesse período que se sacraliza a figura da mulher como esposa e, essencialmente, mãe. A mulher passa da depreciação à veneração. É agora, adorada, criatura celeste e divina, principalmente, torna-se 'a mãe sublime' (LIPOVETSKY, 2000). Porém, toda essa adoração não tirou a mulher do lugar secundário e submisso que ocupava, permanecendo excluída da vida pública e dos direitos políticos e sociais. O poder que lhe era dado resumia-se a ser a musa dos artistas e objeto de amor romântico. Dessa forma, a mulher,

exerceu uma influência oculta sobre os grandes acontecimentos do mundo, sendo-lhe atribuída a nobre tarefa de formar as crianças e civilizar comportamentos.

Desde o início, o discurso patriarcal que atribui à mulher o lugar, essencial, da maternidade, promoveu a idéia de que ela detinha o verdadeiro poder, já que dominava a educação dos filhos e era a 'rainha da casa'. Somado a esse poder possuiria, também, uma grande influência sobre homens importantes: "por trás de um grande homem sempre existe uma grande mulher". Ditados populares como este serviram, no entanto, como maneiras de dominação do patriarcado secular que seria denunciado posteriormente pelas feministas.

Apesar de sempre ter trabalhado, a mulher nunca foi remunerada e seu trabalho não foi reconhecido nem financeiramente, nem como elemento de constituição identitária. Reside nesse fato toda a diferença para os dias de hoje, quando ela está pela primeira vez na história, ganhando por seu trabalho, e assumindo, através deste, uma nova posição de sujeito perante o social. Ela agora tem na atividade remunerada uma fonte de realização pessoal (LIPOVETSKY, 2000). Esta é uma mudança relativamente recente na história moderna. A esse respeito, Kamers (2006) comenta:

(...) acentuadas as reivindicações feministas, primordialmente no que se refere à libertação das mulheres por meio da igualdade de direitos de competitividade com os homens, assistiu-se a uma introdução da mulher no campo do trabalho produzida a partir da Revolução Industrial. Essa transformação foi acompanhada pela necessidade da criação de creches, que aos olhos das mulheres, seria a única forma de competir igualmente com os homens e progredir realmente em suas carreiras (KAMERS, 2006, p. 3).

Reverendo a História, percebemos que até o momento em que a mulher passa a construir sua identidade baseada no valor do trabalho fora de casa, o que lhe confere um pouco de valor é a maternidade. Como diz Lipovetsky (2000, p. 232), o único valor ao longo dos tempos “que escapou à desvalorização sistemática da mulher foi a maternidade”. Ainda assim, ela não deixava de ser considerada inferior e subordinada, construindo-se uma tradição que a desvalorizava e a mantinha inferior aos homens, atuando em atividades sem prestígio social.

No início de 1950 vemos que ao mesmo tempo em que aumentava o número de mulheres exercendo atividades remuneradas, surgia um discurso ressaltando os possíveis males que o trabalho poderia trazer a ela e à família de modo geral. Esse discurso social esteve marcado por características do patriarcado, com o objetivo de excluir a mulher do mercado de trabalho, em uma tentativa de restringir sua autonomia e suprimir sua independência (BADINTER, 2005).

Atualmente, passadas algumas décadas desde o movimento feminista, o que se vê é uma mulher que conquistou seu espaço na sociedade. Uma mulher que marcou seu lugar na esfera pública, principalmente, a partir da segunda metade do século XX. A mulher de hoje é um sujeito que está em construção, adotando novas posições frente às diversas mudanças ocorridas no mundo social, desde a conquista da legitimação dos estudos e do trabalho, do direito ao voto, do descasamento, da liberdade sexual, do controle da procriação até o simples direito de escolha.

De acordo com Lipovetsky (2000), as mulheres alcançaram o poder de inventar sua própria história com certa independência, o poder de se auto-inventar, de construir o futuro que desejam para si. Quanto à profissionalização, sua entrada progressiva no mercado de trabalho acompanhou o crescimento econômico ocorrido nos países capitalistas desenvolvidos no pós-Guerra (ARÁN, 2003). Enquanto antes a mulher era uma criação ideal dos homens, agora ela é uma autocriação, pois tem a possibilidade de escolher o caminho que irá seguir com mais independência.

A mulher contemporânea é o sujeito moderno por excelência, uma identidade instável, contraditória, inconsistente e inacabada. Um conceito em construção, um sujeito em processo de mudança. O perfil da 'terceira mulher', como denomina Lipovetsky (2000), apresenta como marca principal a semelhança aos homens quanto ao poder de escolha:

(...) vivemos uma cultura que consagra o reino do governo de si, promove a individualidade soberana de modo a dispormos de nós mesmos e do futuro, sem um modelo social diretivo. Isso significa dizer que a mulher pode escolher que tipo de vida terá, pois tem o poder de autodeterminar-se e decidir a identidade que pretende assumir e a que tempo. Percebe-se, esta, como uma época de intensas e profundas mudanças nas relações sociais, familiares e entre os sexos, tornando-se evidente, no que tange às conquistas femininas e seu processo identitário, que lutar por uma profissão e ascender em sua carreira, casar ou permanecer solteira (ou ambas as coisas, cada qual a seu tempo), ter ou não ter filhos – são opções que não mais implicam escolher entre liberdade e sujeição, pois a mulher do terceiro milênio parece ser aquela capaz de inventar o próprio destino de acordo com suas necessidades internas (LIPOVETSKY, 2000, p.p. 237-238).

Isso significa dizer que ela pode escolher que tipo de vida terá, pois tem o poder de autodeterminar-se e de decidir a identidade que pretende assumir e a que tempo: profissional, esposa, mãe, etc. A mulher estabeleceu prioridades

além de casar e ter filhos e postergou o momento de ser mãe. Vejamos um exemplo desse tipo de conduta feminina na fala de uma de nossas entrevistadas. Bárbara é uma mulher que trabalha e mora sozinha, é jornalista, divorciada e tem trinta e um anos. Ela diz:

(...) eu vejo (a maternidade) como menos importante, talvez, não sei se menos importante... mas diante das mudanças e das conquistas que as mulheres tiveram ao longo dos tempos, no mercado de trabalho, aspectos salariais, enfim... de valorização de estudos, de ingresso em faculdade e tal... tudo isso fez com que a mulher balanceasse melhor essa questão da maternidade e da profissão. Aí, talvez, seja tão importante quanto (trabalho e maternidade), porque você, no final das contas, você quer ser mãe, mas você pensa melhor, você adia, você planeja, você reduz a quantidade de filho. Você sabe que não vai estar só fazendo isso dentro de casa, você vai ter toda uma vida paralela que você tem que conciliar com aquela de mãe (...) então eu acho que a importância não mudou, mas a fase da vida é outra para ser mãe, geralmente uns trinta anos (Bárbara, 31 anos).

O critério sobre a idade ideal para dar à luz modificou-se com o tempo. Na década de 1960, por exemplo, costumava ser considerada como ideal a faixa etária entre os 18 e os 25 anos (THERBORN, 2006). Hoje em dia, o que se vê é essa idade aproximar-se cada vez mais dos 30 anos. De modo geral, o universo feminino mudou muito a partir da segunda metade do século XX. As mulheres se escolarizam e vão para as universidades, passando a disputar, efetivamente, espaço no mercado de trabalho. Além disso, o desenvolvimento de métodos anticoncepcionais seguros lhes permitiu definir o momento oportuno para engravidar. Algumas acabam tornando-se mães pela primeira vez depois dos 35 anos. Deve-se levar em conta também, que antes a expectativa de vida girava em torno dos 60 anos; as mulheres casavam cedo e tinham filhos logo. Hoje, espera-se que vivam muito mais e, portanto, possam adiar alguns projetos, como a maternidade. Até porque, além da possibilidade

da adoção, as mulheres de hoje têm nas biotecnologias de procriação, um motivo para sentirem-se mais seguras em adiar o momento de ser mãe. São muitas as possibilidades que se apresentam às mulheres nesse aspecto (BRAGA e AMAZONAS, 2005).

Um ponto que ressalta das falas das mulheres que entrevistamos em nossa pesquisa é, justamente, o fato de que todas têm como prioridade entre os seus projetos de vida a profissão, a conquista de um emprego que possa lhes dar autonomia e independência financeira. Vemos isso nas falas a seguir, de Nina, Maria Clara e, principalmente, na fala de Aline. Todas ainda buscam um lugar no mercado de trabalho remunerado:

(...) eu quero primeiro me realizar profissionalmente, pretendo me casar, ter filhos, mas, primeiro está minha vida profissional, ela está em primeiro lugar... (Nina, 25 anos).

Os meus projetos... bem... eu quero trabalhar... (Maria Clara, 28 anos).

(...) eu penso em casar, ter filhos, depois que eu estiver estruturada financeiramente. Eu quero casar e ter filhos, bonitinho feito todo mundo, mas primeiro é preciso ter essa base financeira, porque eu vejo a maioria das minhas amigas casando e tendo filho e depois sai de casa para depender do dinheiro dos pais, fica na dependência do mesmo jeito, eu quero independência, não quero isso não, então eu só penso em ser mãe quando tiver condições...(Aline, 26 anos).

A profissionalização aparece aqui como sinônimo de conquista da independência financeira. A exigência de se inserir no mercado de trabalho reflete, também, a sociedade atual que toma como valor máximo o trabalho e o progresso financeiro. Enquanto antes o trabalho para a mulher era visto como uma ajuda doméstica, um complemento no orçamento da casa, hoje além de

fonte de realização pessoal é uma necessidade de sustento próprio. Utilizando as palavras de Lipovetsky (2000):

No presente, as jovens querem obter diplomas tendo em vista uma carreira; a grande maioria das mulheres vê na atividade assalariada uma condição necessária ao sucesso de sua vida (...) o que domina nossa época é o investimento feminino na vida profissional e a rejeição correlativa de uma identidade apoiada exclusivamente nos papéis domésticos (LIPOVETSKY, 2000, p. 225).

Para esse autor, a diferença fundamental que a contemporaneidade trouxe para a vida delas foi o trabalho remunerado como um valor de constituição identitária. Através dele as mulheres podem construir-se socialmente, da mesma forma como fizeram durante muito tempo, ao assumirem os papéis de mãe e esposa. A respeito do trabalho como elemento de construção de sujeito, ele comenta:

A atividade profissional feminina adquiriu direito de cidadania, é agora um valor e uma inspiração legítima, a condição normal da existência feminina. É a recusa de uma identidade constituída exclusivamente pelas funções de mãe e de esposa que caracteriza a condição feminina pós-moderna (LIPOVETSKY, 2000, p. 220).

A atividade profissional se impõe hoje como um elemento indiscutível para a vida da mulher. Há muito tempo não é mais vista como somente uma forma de realização pessoal. Ela é um valor, uma forma de reconhecer-se enquanto sujeito social, além de via de independência e autonomia. Desse modo, a maternidade está sendo revista e posta para um momento posterior de suas vidas, no qual haja mais segurança e estabilidade financeira. Porém, isto não quer dizer que a função materna perdeu em importância. É um motivo de

alegria e satisfação para a mulher, uma fonte de prazer. O que se evidencia é que a mulher contemporânea programa-se para chegar aos trinta anos, uma idade que desponta atualmente como a 'ideal' para que se torne mãe, com certa autonomia econômica e capaz de gerar filhos e criá-los. Como na fala de Bárbara, a seguir:

(...) meus objetivos são esses, é continuar crescendo na minha profissão até chegar numa idade em que eu diga "bom, tá na hora de eu começar a priorizar o aspecto pessoal mesmo e... (...) é porque quando você começa a chegar nos trinta e um você começa a pensar mais nisso, né? Até lá você vai e... "num quero nem saber".... "ah, isso aí vem depois, eu estou com tempo ainda", mas quando você passa dos trinta você começa a pensar mais nisso: "pôxa eu quero ter filho, porque eu adoro criança e quero ter filho, isso também é um projeto de vida, eu não posso deixar que isso se estenda tanto, né? ...porque você vai se sentir meio mãe velha, acha que não vai acompanhar as fases da criança, né? Que não vai conseguir se dedicar, que não vão ter tanta energia, digamos assim, para se dedicar tanto à criança, até porque a diferença de idade fica muito grande... (Bárbara, 31 anos).

Bárbara pode ser identificada como um exemplo da mulher que se autogere, pois determina para si o momento em que pretende assumir os papéis sociais. O que se vê, também, é que a mulher atual ainda não encontrou uma justa divisão para as tarefas no espaço doméstico. A mulher, ainda hoje, parece ter dificuldade em 'delegar' tanto as tarefas da casa, como os cuidados com os filhos:

(...) não sei se é pela questão do instinto feminino, do cuidado que a mãe tem, às vezes, até o pai se acomoda um pouco. Nessa questão de deixar umas tarefas para a mãe, parece que já são determinadas para a mãe: "não...fale com sua mãe", "vá pedir à sua mãe". Os homens têm essa tendência de deixar algumas decisões para a mãe mesmo, não sei se eles assumem uma relação mais assim: 'diversão e lazer' e a mãe que vai cuidar da educação, que vai ensinar o menino a se comportar adequadamente numa mesa, que vai cuidar... sabe? Não sei se isso seria em todas as famílias, mas eu tiro isso da minha família, a quem a gente mais se reportava era a figura da mãe.

Eu acho que a mãe acompanha mais o filho nos deveres de casa, da escola, se alguém tinha que tirar alguma dúvida nas tarefas quando eu estudava com meus colegas do colégio era a mãe. Agora o pai podia fazer outras coisas, por exemplo, levar o menino no colégio, pedir dinheiro, sempre se pedia ao pai (risos), algumas concepções da sociedade machistas ainda, né? Aquelas coisas assim... pedir para sair à noite, por exemplo. Reunião de pais no colégio, quem vai mais é a mãe, não sei se porque arruma sempre um tempinho, se acha que aquilo é mais importante do que eles (os pais) acham. Aspectos que, talvez, envolvam mais o emocional, o sentimento... (Bárbara, 31 anos).

Esse tipo de dinâmica está tão enraizada em nossa cultura que, como diz Bárbara acima, parece ‘ser do instinto feminino’. Esse é o fator, também, que mais contribui para que a mulher continue assumindo, de modo integral, as tarefas domésticas e os cuidados com o marido e com os filhos. Por um lado, entende-se que é dever feminino zelar por todos da casa e, por outro, ela mesma coloca-se nesse lugar, ocupando o posto de rainha-do-lar idealizado no início do século XX.

O que mais se evidencia quanto ao desempenho da ‘terceira mulher’ na esfera familiar e social é que, o lugar que passa a ocupar no mercado de trabalho e no meio familiar revela uma mistura de “avanço igualitário e de continuidade não-igualitária; as mulheres são muito ativas, porém, a preponderância feminina na esfera doméstica continua gritante” (LIPOVETSKY, 2000, p. 240). Isso traz alguns conflitos que deixam a mulher em uma situação de impasse, como vemos na fala de Bárbara, a seguir:

(...) acho que as mulheres são mais ‘ligadas’ que os homens, ou então eles, simplesmente, se escoram nelas e dizem: “bom, essa parte ela se encarrega, eu vou cuidar do resto”, sabe? Então, o homem ajuda aqui, ali, vai lá troca uma fralda, alguns gostam mais de cozinhar, mas muito pouco, eu acho que deve-se dividir mais: “eu trabalho tanto quanto você, eu estou cansada tanto quanto você, eu tenho preocupação tanto quanto você, eu boto dinheiro em casa tanto quanto você, ninguém aqui depende de ninguém, então vamos

dividir. Da mesma forma o cuidado com o filho e as coisas de casa. Tem mulher que chega em casa e ainda vai tratar de fazer jantar para o marido, de esquentar comida, botar a mesa, isso eu nunca fiz, como esposa, como mulher, quer dizer: “eu estou tão cansada quanto você, venha aqui e me ajude aqui a botar as coisas na mesa, a botar os pratos a lavar os pratos“. Senão eles se escoram e acham que é a sua obrigação! Tem que dizer, que delegar as funções, porque se não ele vai comer e assistir jornal no sofá.... então se elas se acham donas da casa e como tal elas têm que dizer: “você vai fazer isso, isso, isso” e cobrar e reclamar, ser chata mesmo: “tire o chinelo, bote lá, tire a toalha da cama e bote lá”, até eles verem que têm a obrigação de organização dentro de casa, que não é chegar em casa e botar os pés para cima não...que graça! (risos) (Bárbara, 31 anos).

Apesar do espaço alcançado no mercado de trabalho, parece que o papel da mulher dentro de casa permanece ‘imprescindível’, sendo a sua presença e importância percebida, tanto pelos homens como pelas próprias mulheres, como a mais segura e adequada para o bom andamento da instituição familiar. Lipovetsky (2000) entende que a mulher não quer abrir mão desse lugar, pois lhe traz certos ganhos, e comenta:

(...) no presente, o lugar privilegiado das mulheres na esfera doméstica tornou-se conciliável com a vida profissional e a autonomia individual (...) do fato de que as responsabilidades familiares exercidas pelas mulheres têm um custo profissional não se segue, evidentemente, que não gerem nenhum proveito subjetivo. A relação privilegiada com os filhos reduz o investimento profissional das mulheres, mas enriquece sua vida relacional ou emocional; põe-nas em desvantagem na conquista das posições hierárquicas, mas provê a existência de uma dimensão de sentido particularmente intensa em suas vidas. Se o lugar preeminente das mulheres nos papéis familiares se mantém, não é apenas em razão dos pesos culturais e das atitudes “irresponsáveis” masculinas, é também em razão das dimensões de sentido, de poder e de autonomia que acompanham as funções maternas. (LIPOVETSKY, 2000, p.p. 254 e 257).

Vivemos um tempo de mudanças, no qual a mulher passa, efetivamente, a desempenhar novos e diferentes papéis. Em alguns momentos, isso parece colocá-la em conflito com sua antiga representação social, quando se

destacava por sua função de mulher-mãe insubstituível. Tempo em que se dedicava à maternidade, à casa e ao marido, de modo integral. Hoje, a realidade cotidiana exige sua presença e dedicação em várias outras atividades. Porém, continua presente a idéia de que a mulher deve dedicar-se ao lar e aos filhos da mesma forma. Na fala de Alana a seguir vemos um conceito de mãe que se doa 'mais' à família:

(...) talvez os filhos estejam um pouco em segundo plano pela falta de tempo dos pais, acho que a atenção aos filhos diminuiu bastante, não por querer, mas por necessidade (...) mas acho que a mãe dá um pouco mais de atenção, minha mãe mesmo é muito mais família, não deve haver diferença... mas a mulher se doa mais para a família... (Alana, 26 anos).

Assim como Alana, Bárbara traz uma visão de mulher que continua a ser fundamental para o bom funcionamento da casa e, também, para educar os filhos:

(...) eu acho que não muda muito em relação ao que ele (o pai) era e o que ele passou a ser. Eu vejo a mãe muito mais dedicada ao filho, a questão da educação, a presença, a preocupação em voltar para casa para almoçar, para ter aquele contato, ou até colocar alguém da família para ficar ali, junto com a babá. Então, eu vejo as mães muito mais preocupadas, ou até falando mais de tudo aquilo, e os pais... quer dizer, nem passam pela licença maternidade, quer dizer a vida deles muda pouco nesse aspecto, a mulher que acumula mais a coisa do trabalhar fora e de estar em contato com o filho dentro de casa...ela que acumula na verdade, eu acho que os pais estão muito mais presentes no final de semana quando eles estão de folga, aí eles assumem um pouco aquela responsabilidade com o lar...(Bárbara, 31 anos).

O controle da casa foi um poder que, durante muito tempo, esteve em suas mãos. E, assim como teve que ir à luta para conquistar seu lugar no mercado de trabalho remunerado, parece não estar disposta a abdicar do controle da casa, e dividir com o companheiro as decisões, ainda que sejam

sobre a cor da parede ou lugar em que o sofá vai ficar. Vejamos esse exemplo de Sandra:

(...) a gente não pode mudar totalmente a cultura de nossa sociedade, onde a mulher é dona de casa e o homem vai sair para trabalhar. Isso é uma coisa que já está na nossa cultura. Essa parte de organização da casa está mais incumbido para a mulher, a mulher que tem jeito, esse dom, a mulher que tem isso, homem não tem jeito pra isso. Não é também o homem arrumar a casa, homem não sabe arrumar, só sabe desarrumar, mas que ele ajude e que, pelo menos, não desarrume, sabe? Que seja organizado, que mantenha aquela organização que sua mulher acabou de fazer, se tire uma coisa coloque no lugar... ajude nessa parte, né? Se sujar alguma coisa, um prato, lave e guarde, que não tem nada demais um homem sujar um prato, lavar e guardar...ele pode ajudar, não tem nada demais...pelo menos em alguma coisa...não é também dizer: “vá varrer a casa” que o homem não faz isso, não adianta...mas ajudar ele pode, né? (Sandra, 26 anos).

Nessa fala percebe-se a dificuldade em dividir com o companheiro as atividades domésticas. Como ela mesma diz: “a mulher que tem jeito, esse dom (para arrumar a casa) a mulher que tem isso, homem não tem jeito para isso”. É fácil notar, também, o quanto ainda há uma idealização do feminino e uma tendência a naturalizar o ‘talento’ da mulher para os cuidados com a casa. Assim como persiste a tendência a naturalizar os cuidados maternos como exclusivos da mulher, e prosseguir com o discurso de que o ‘amor materno é incondicional’ ou que ‘toda mulher quer ser mãe’. A esse respeito Badinter (2005) comenta:

(...) a abordagem, que faz da biologia o esteio das virtudes e dos papéis (feminino e masculino) condena, num mesmo impulso, os homens e as mulheres que ignoram a maternidade (BADINTER, 2005, p. 48).

Como lhes foi atribuído, historicamente e como norma, o ‘desejo compulsório’ por ser mãe, a maternidade é entendida como inerente ao ser mulher, parte de sua natureza. Em consequência disso, grande parte das mulheres tem dificuldades em perceber a maternidade como possibilidade, como opção ou como escolha. Alana, uma de nossas entrevistadas, chega a dizer “eu não conheço nenhuma mulher que não quer ser mãe”, como se esse ‘não-desejo’ fosse ir contra à natureza feminina:

(...) acho que (a maternidade) é aquela coisa de antigamente, de continuar, de procriar, de dar continuidade à família, à linhagem, e a importância de se realizar como mãe, acho que a grande maioria das mulheres quer ser mãe, né? Acho que está a mesma coisa hoje em dia, tirando que a mulher leva em consideração logo o lado profissional, mas eu não conheço mulher que não queira ter filhos, conheço homem (...) toda mulher tem isso de querer ter sua casa, quer sempre cuidar... do filho, da casa e do marido né?(Alana, 26 anos).

Alana namora há quase dois anos e, no momento, tem como prioridade de vida o projeto profissional, porém considera que as coisas podem se dar ao mesmo tempo. Casar e dar seguimento à sua carreira é uma possibilidade, até conseguir tornar-se juíza, sua maior meta profissional. Percebe-se que a mulher permanece com a idéia de que lhe cabe continuar exercendo o ‘controle’ doméstico, ocupando o lugar de rainha-do-lar. Isto porém, de maneira bem diferente de antes, porque hoje ela não quer mais exercer funções domésticas como, por exemplo, lavar roupas ou cozinhar. O que interessa para elas, segundo Lipovetsky (2000) é que o espaço da casa esteja sob seu comando:

Há todas as razões para pensar (...) que a posição preeminente das mulheres no espaço doméstico não desaparecerá tão cedo. Nas sociedades pós-modernas, os códigos culturais que consistem obstáculo à expressão e ao governo de si perdem influência, mas não aqueles que, a exemplo das responsabilidades familiares, permitem a auto-organização, o controle de um universo só seu, a constituição de um mundo próximo, emocional e comunicacional (...) as atividades domésticas não deixam de ser, em maior ou menor grau, maneiras de controlar um território, de construir um mundo só seu (LIPOVETSKY, p.p. 255-256).

Durante muito tempo, o trabalho remunerado feminino foi desmerecido, considerado degradante e vergonhoso para a mulher. Especialmente na classe burguesa, o trabalho assalariado foi entendido como sinal de pobreza e motivo de humilhação para o homem. O trabalho da mulher casada foi entendido como complementação da renda familiar e não deveria interferir em seus afazeres domésticos e em seu papel de mãe e esposa. Teve início, assim, o culto da mulher no lar. A casa passou a ser o templo feminino, seu reino particular.

Porém, atualmente o que se percebe é uma outra realidade. Para Lipovetsky (2000), a grande ruptura na dinâmica familiar moderna aconteceu com o novo ciclo histórico da mulher no mercado de trabalho remunerado. Ao começar a ganhar dinheiro pelo seu trabalho é que ela conquistou a possibilidade de assumir uma nova posição identitária na sociedade. Esse fato começou a alterar as relações entre os sexos, a estrutura familiar, a educação dos filhos e a questão do poder no seio do casal. Porém, percebe-se em algumas mulheres, que o ideal da mulher frente às novas formações familiares contemporâneas ainda guarda um ranço histórico muito forte, como vemos nesta fala de Bruna:

(...) tem trabalhos que não foram feitos para o homem (...) ser babá, não foi feito para homem, vou dizer porquê, porque a mulher é muito

mais minuciosa, cautelosa do que o homem... então lidar com uma criança... tudo bem, você diz mas não tem tantos pais solteiros? Tem, mas pode ver que o pai solteiro ele dificilmente cria uma criança sozinho, ele vai contratar uma babá, ele vai ter alguém para ajudar, ele sozinho, sozinho, não cria... dificilmente... pode até existir, mas é raro, viu? (Bruna, 26 anos).

Discursos como esse reforçam o peso da responsabilidade da mulher com relação ao cuidado dos filhos e, por extensão, da casa. Isso se dá, muitas vezes, com a aprovação de homens e mulheres. De acordo com Rocha-Coutinho (2005):

(...) enquanto a sociedade e a própria mulher não relativizarem o papel de mãe, e enquanto o cuidado das crianças não for considerado importante o suficiente para ser realizado tanto por homens quanto por mulheres, os ônus e os benefícios especiais da maternidade continuarão situando a mulher em segundo plano na vida pública (ROCHA-COUTINHO, 2005, p. 128).

Apesar de sentir-se mais responsável do que o homem pelo cuidado com a casa e os filhos, a mulher de hoje, diferente da mulher de décadas passadas, deseja ser uma profissional bem sucedida, ao mesmo tempo em que deseja ser mãe. Ela procura novas formas de construir sua identidade e não pretende abrir mão de sua profissão. Para isso planeja sua vida. Esse traço foi muito marcante em todas as mulheres entrevistadas para essa pesquisa. Antes de assumir a maternidade, elas se impõem metas profissionais, às quais, supostamente, terão que alcançar. É o que percebemos em Sandra, nesse trecho de sua entrevista:

(...) a mulher programa muito mais seu filho do que antes, acho que ela está planejando tudo, a vida profissional e depois sua vida familiar, hoje em dia não é só o pai, é meio a meio, a mãe e o pai juntos para organizar aquela família, sustentar aquela família. Os dois juntos hoje decidem o cuidado, a programação dos filhos, se vai

dar o dinheiro e tal... quando a mulher começou a ingressar mesmo no mercado de trabalho tudo passou a ser dividido (...) com relação a maternidade e trabalho, acho que dá para conciliar bem (...) eu planejo tudo, tudo meu é como se fosse planejado (...) para me casar e ter filhos, quero antes ter a minha própria fonte de renda, não quero depender de marido para nada, sempre fui assim (Sandra, 26 anos).

Para a mulher, o trabalho remunerado tornou-se autônomo em relação à vida familiar, se constituiu como um valor individual, um motivo de realização pessoal (LIPOVETSKY, 2000). O processo de identificação da mulher, na sociedade contemporânea, está definitivamente atravessado pelo valor do trabalho. Nesta fala de Sandra vemos suscitar a questão da profissionalização e do adiamento da maternidade. Uma vez que as prioridades femininas estão focadas na profissionalização, a maternidade vai sendo, necessariamente, posta para um segundo momento de suas vidas, posterior às conquistas no mercado de trabalho remunerado. Isto faz surgir conflitos, angústias, sentimentos ambivalentes e, para algumas, motivo de repensar a maternidade. Como ressalta na seguinte fala de Amanda:

Eu estou percebendo que está se distanciando (o projeto da maternidade), justamente porque, primeiro, você tem que ter dinheiro, primeiro você tem que se profissionalizar, primeiro você tem que fazer uma especialização, você tem que... e isso precisa de tempo, né? Eu vejo assim, eu mesma terminei a Faculdade, comecei a especialização, já penso em fazer outra especialização. Então se eu priorizar muito isso (a carreira profissional), filhos e família vão ficar muito pra depois, e é por que eu penso em ter filhos, viu? Mas tem gente que eu vejo, que não quer ter filhos, porque é muito difícil ter filhos, porque é muita despesa, porque não se vê grávida. É uma distância de projeto mesmo, até por essa questão de relacionamento, eu acho que por isso mesmo está ficando para depois, os relacionamentos sem muito compromisso, sabe? (...) Eu acho que ter filho sozinho... se você não tem com alguém... ter filhos sozinho eu acho que pior ainda, então eu não acho que está sendo prioridade a maternidade. No meu círculo de 25 a 30 anos ninguém conversa sobre isso, se conversa sobre especialização, sobre emprego, sobre viagem... mas sobre maternidade não se conversa (Amanda, 26 anos).

O adiamento da maternidade está relacionado ao momento em que a mulher sinte-se mais segura e estabilizada financeiramente, o que demanda tempo. É preciso entender que esta necessidade de espera se impõe, também, diante do ritmo de vida frenético da pós-modernidade. Depois de uma meta profissional alcançada, invariavelmente, existe outra e, após um curso de 'especialização' concluído haverá outro prestes a ser iniciado. Renata diz:

(...) é uma questão que se está adiando (a maternidade), é o que eu percebo. A mulher tem que buscar um espaço que ela não teve antes, isso demanda uma dedicação, por isso a responsabilidade com a criança, a dedicação de gerar, está sendo adiada um pouco mais, para uma fase posterior onde ela tenha mais tempo (...) também pode se observar a quantidade de filhos (...) acho que as famílias estão diminuindo a quantidade de filhos, exatamente porque têm menos tempo, eu acho que esta é a questão fundamental da mulher contemporânea, é o tempo, ela tem menos tempo para se dedicar a isso...então a primeira consequência é adiar o projeto de ser mãe e a segunda consequência é ter menos filhos (Renata, 31 anos).

A tarefa de conciliar maternidade com o tipo de vida que leva nos dias de hoje traz uma situação difícil, e se constitui como um dos motivos de angústia da mulher contemporânea. Como traz Bruna em sua fala abaixo. Ela tem vinte e seis anos e mora com os pais. Seu maior desejo no campo profissional é tornar-se juíza. Em sua entrevista revela, também, uma grande vontade de tornar-se mãe, permeada por angústias, dúvidas e medos:

(...) a mulher moderna sofre de um grande mal, a angústia de ser mãe, eu acho que é angustiante...porque no fundo, no fundo, a maior meta, pelo menos na generalidade das mulheres é ser mãe, ainda é... eu quero muito isso, mas é angustiante, é angustiante porque para ser mãe, você tem que ter a estrutura, aí você começa a pensar nessa estrutura, financeira e econômica, a estrutura psicológica também para ser mãe e, o pior de tudo isso, é você encontrar alguém para querer ser também o pai do seu filho, tudo isso junto dá a angústia...dá a angústia na mulher (Bruna, 26 anos).

Percebe-se que o homem atual encontra-se em uma situação vantajosa com relação às mulheres, nesse aspecto, pois seu projeto de vida está voltado quase que exclusivamente para a área profissional, sem maiores planejamentos sobre a criação dos filhos ou mesmo preocupações com os cuidados com a casa. Segundo Rocha-Coutinho (2004):

Embora importantes transformações no papel e na posição da mulher em nossa sociedade tenham ocorrido nos últimos anos, é preciso não superestimar a profundidade dessas mudanças, nem tampouco acreditar que as desigualdades entre homens e mulheres nos espaços público e privado tenham sido erradicadas (ROCHA-COUTINHO, 2004, p. 4).

Alguns dados do Ministério da Saúde trouxeram, recentemente, que houve um aumento do número de mães com mais de trinta e cinco anos, entre 1997 a 2002, na região Sudeste do Brasil, algo em torno de dezessete mil mães (POPOV, 2006). Os dados mostraram, também, que cada vez mais, as mulheres estão postergando a gravidez por motivos como realização profissional, viagens dos sonhos, entre outros. É mais uma mostra de como as mulheres vêm planejando sua vida, estabelecendo metas e objetivos que desejam alcançar. Temos um exemplo disso na fala de Renata, sobre a sua prioridade de vida, no momento. Ela nos diz:

(...) eu parei de trabalhar para ficar só estudando (...) eu vi que chegou o momento em que ou eu passava logo em um concurso definitivo, projetos como viajar, casar, ter filhos iam ficar prejudicados, porque aí ficaria muito tarde para ir para essa outra seara (...) primeiro que eu quero ter uma boa qualidade de vida (...) então chegou o momento que, ou eu me casava e teria esse outro lado da vida prosseguindo em um padrão que não é o que eu gostaria, ou eu adia isso aí e me dedicaria mais um ano, exclusivamente, aos concursos para poder, aí sim, ter o padrão que eu quero, então eu fiz a segunda opção (Renata, 31 anos).

O que se percebe, também, é que antigas aspirações femininas, como casamento e maternidade, vêm sendo intensamente rediscutidas. Atualmente, outras exigências são impostas às mulheres, como ter uma profissão e conquistar autonomia financeira. Porém, permanece subentendida uma certa obrigação em atender ao apelo social da realização materna. Dentre as mulheres entrevistadas, três disseram que já gostariam de ser mães, apesar de não considerar o momento atual como o mais adequado, conforme se percebe nas falas de Maria Clara, Alana e Renata, a seguir:

(...) se eu pudesse eu acho que já tinha (filhos)... mas acho que não posso ainda, não devo, por vários motivos, principalmente o financeiro (...) eu quero ser mãe, apesar de achar que ainda não é a hora...(Maria Clara, 28 anos).

Eu gostaria muito, se pudesse teria hoje, se eu tivesse condições financeira eu teria hoje, se estivesse formada...mas já que não dá ainda...(Alana, 26 anos).

(...) esse espírito de cuidado, de dedicação, isso em mim isso é muito ativo, eu vejo que tenho um espírito maternal muito forte (...) mas ainda não chegou o momento (...) (Renata, 31 anos).

A maternidade encontra-se atravessada pela questão profissional. As mulheres querem trabalhar, precisam de uma colocação no mundo do trabalho assim como os homens, mas há um outro lado, sempre ali, latente, presente em seu dia-dia, que lhes solicita ser mãe. É preciso esclarecer que, de modo geral, a maternidade não é mais vista como uma exigência e sim como uma opção. Como observamos na seguinte fala de Maria Clara, sobre seus medos de tornar-se mãe e sua visão de que a maternidade se apresenta como uma opção para a mulher contemporânea:

(...) bom, eu tenho um medinho de ser mãe, assim, acho que não tô preparada. Você tem que querer, isso é básico. Daí você tem que encontrar um cara que queira ser pai, né? Porque criar filho só, não é comigo não. Aliás, acho que pai e mãe se completam na criação de um filho, na formação de uma criança, acho que não é a toa que se precisa de um homem e uma mulher para fazer uma criança (...) uma criança precisa dos dois, de um pai e de uma mãe (...) a maternidade, eu acho, começa daí, dessa preocupação com relação ao bem estar da criança, de como vai poder recebê-la no mundo e o que pode lhe proporcionar. Acho, também, que a mulher... ou melhor, as mulheres, têm todo o direito de não querer ter filho, não acho que a maternidade seja uma obrigação não, eu mesma já pensei em não ter, aliás não tenho certeza se quero ter, depende, vai depender da minha vida, vai depender se eu achar que posso, se tiver com um cara que queira, que eu ame, enfim... dessas coisas... (...) vai depender do desenrolar dos acontecimentos... assim... às vezes eu acho que eu quero, às vezes acho que não, minhas amigas, boa parte já tem filhos (...) as pessoas perguntam: 'já casou?' 'Quando é que vai ser mamãe?' mas, tem que ter uma estrutura... é uma pressão... (Maria Clara, 28 anos).

O que vemos aqui é uma mulher que questiona a identidade feminina ligada ao desejo de ser mãe. Seu discurso anuncia a maternidade como uma decisão da mulher, e aponta para uma outra forma de construção identitária. Segundo Silva (2000a) o conceito de performatividade, desenvolvido pela teórica Judith Butler, nos ajuda a entender a produção de identidade através da linguagem:

Remeter a identidade e a diferença aos processos discursivos que as produzem pode significar, entretanto, outra vez, simplesmente fixá-las, se nos limitarmos a compreender a representação de uma forma puramente descritiva (...) O conceito de performatividade desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é (...) para a idéia de "tornar-se", para uma concepção da identidade como movimento e transformação (...) a linguagem não se limita a proposições que simplesmente descrevem uma ação, uma situação ou um estado de coisas. Assim, se nos pedirem para dar um exemplo de uma proposição típica, provavelmente nos sairíamos com algo que simplesmente 'descreve' uma situação. Mas a linguagem tem pelo menos uma outra categoria de proposições que não se ajustam a essa definição: são aquelas proposições que não se limitam a *descrever* um estado de coisas, mas que fazem com que alguma coisa aconteça. Ao serem pronunciadas,

essas proposições fazem com que algo se efetive, se realize (...) (SILVA, 2000a, p.p. 92-93).

Para Silva (2000a, p. 93) são exemplos de proposições performativas, por exemplo: “Eu vos declaro marido e mulher”; “Prometo que te pagarei no fim do mês” e “Declaro inaugurado este monumento!”. Poderíamos acrescentar, também como exemplos de proposições performativas, as frases de Maria Clara: “as mulheres, têm todo o direito de não querer ter filho, não acho que a maternidade seja uma obrigação não, eu mesma já pensei em não ter, aliás não tenho certeza se quero ter, vai depender da minha vida, vai depender se eu achar que posso, se tiver com um cara que queira, que eu ame, enfim... dessas coisas”. Esse tipo de discurso constrói uma representação de mulher mais livre da idéia de maternidade como destino, tornando-a algo contingente, um projeto a ser pensado.

A mulher, embora se sinta cobrada pela sociedade, sabe que seu destino está em suas mãos, muito mais do que em qualquer outra época. Contudo, apesar da liberdade em determinar o curso da vida assemelhar-se para a mulher e para o homem, essa determinação se “constrói sempre a partir de normas e de papéis sociais diferenciados (para homens e mulheres), sobre os quais não há uma indicação de que estejam destinados a um futuro desaparecimento” (LIPOVETSKY, 2000, p. 239). Com isso, carreira e profissão podem se tornar, algumas vezes, um ponto de conflito para as mulheres, que aos poucos procuram se ajustar à sua nova realidade. Como percebemos nessa fala de Amanda:

(...) eu acho que a maternidade duplica, quadruplica a carga horária da mãe, porque.... assim, culturalmente mesmo, a mãe trabalha,

vamos dizer... uma família com mãe, pai e filho na mesma casa, quando chega à noite, culturalmente a mãe é que vai cuidar do filho, do jantar, das coisas da casa e tal, sabe? Eu acho que é muito... tem pai que faz isso, mas... tem até mãe que não permite que o pai divida né? Mas eu acho que tinha que ser dividido com o pai, de qualquer forma eu acho que dá para conciliar, acho que dá para conciliar entre trabalho e maternidade (Amanda, 26 anos).

Uma de nossas entrevistadas, a Carolina, de trinta e um anos, nos diz que a mulher não vai deixar de ter o seu filho por causa da carreira, vai tentar conciliar uma coisa à outra. Ela é solteira, está namorando há poucos meses e trabalha como gerente de uma clínica de estética. Mora com a mãe e um irmão mais novo, Carolina nos diz perceber que na medida em que a mulher tornou-se financeiramente independente, a relação com o filho ficou um pouco mais distante, mas que isso deve ser motivo para procurar outras alternativas de conviver e criar os filhos, assim diz ela:

Eu acho que ela (a mulher) não vai deixar de ter o filho dela por causa do trabalho (...) mas é... eu acho que a criação hoje, a mãe não está tão presente... é um paradoxo (...) tudo que nós fazemos tem duas polaridades, não tem como você fugir disso. Ao passo que você se torna mais independente, que você luta de igual para igual, que você tem a sua estabilidade financeira, você, pelo lado afetivo, assim, de relação com o filho, você está mais longe dele, é impossível né? A não ser aquelas pessoas que, como eu, podem fazer o seu horário de trabalho. Eu faço o meu horário de trabalho, então, no dia em que eu tiver o meu bebê, pelo menos durante um ano eu vou trabalhar 50% menos, no mínimo. Eu vou dedicar pelo menos quatro horas, que eu poderia estar trabalhando, ao meu filho, para ficar com meu filho (...) (Carolina, 30 anos).

Sobre a vida conjugal e a constituição familiar, Lipovetsky (2000) diz que ela significa para os homens motivo para buscar ascender na carreira profissional, enquanto para as mulheres é traduzida por uma “desaceleração” no campo profissional. No entanto, ao contrário do que diz esse autor,

encontramos em nossas mulheres visões bem diferentes desta. Para Bárbara, de trinta e um anos, ao contrário do que se possa pensar, o que ela percebe é que a maternidade fez com que suas amigas passassem a se dedicar ainda mais ao trabalho:

(...) a mulher quer ter uma estabilidade financeira, uma casa própria, não perder o emprego, eu vejo até uma responsabilidade maior dessas pessoas, uma devoção, tudo em função do filho... Porque elas agora não estão trabalhando só para si, tem alguém que depende delas. Então, ao contrário do que a gente possa pensar, que a maternidade afasta as pessoas do trabalho e tal, o que eu percebo é o contrário que elas estão mais preocupadas ainda em ter uma estabilidade, sabe? Dentro de casa, de ter uma estabilidade financeira, uma casa própria, não perder o emprego, de ter uma dedicação maior, arrumar uma babá: “fica aí porque agora eu não posso faltar ao trabalho, eu tenho alguém que depende de mim”, sabe? (Bárbara, 31 anos).

Com relação ao imperativo do poder econômico na sociedade contemporânea, Pinto (2005, p. 20), afirma: “hoje, o que se observa é que ganhar muito dinheiro além de prioridade e referência de sucesso profissional é um pré-requisito para se ter um filho”. Sobre essa questão temos nas falas de Aline e Alana um claro exemplo:

(...) a mulher tem que ter dinheiro, tem que se profissionalizar, fazer uma especialização e, quando se tem em primeiro lugar, carreira e aperfeiçoamento profissional os filhos e a família ficam muito para depois (...) (Aline, 26 anos).

Meus projetos de vida são conceber uma família, aliás, a princípio profissionalmente, eu ainda não estou realizada profissionalmente então, em primeiro, é a realização profissional (Alana, 26 anos).

Amanda, de vinte e cinco anos, liga o fator financeiro à estabilidade emocional. Ela deixa claro que o fator econômico traz para a família e para a

mãe equilíbrio emocional, o que considera fundamental para a constituição de uma boa convivência familiar, como se vê no seguinte trecho de sua entrevista:

(...) eu acho que é importante ter uma condição financeira, para dar o mínimo à criança..... estabilidade emocional..... é algo que se deve pensar bem antes de ter (...) (Amanda, 25 anos).

As mulheres aprenderam que contar com seus próprios esforços é a ordem para todos. Desejam ter o seu emprego e garantir o seu provimento financeiro antes de objetivar quaisquer outras conquistas. Essas mulheres atendem à demanda da sociedade contemporânea. Não querem unir casamento e acomodação profissional. Pelo contrário, este agora é um forte motivo para que trabalhem e até mesmo uma pré-condição para que planejem o casamento. Da mesma forma, a maternidade exige-lhes afinho e determinação com a atividade profissional. Na fala de Bárbara, a seguir, percebemos uma nova conduta feminina frente aos projetos de vida, inclusive o projeto da maternidade:

Eu ainda estou mais para a área profissional, sempre fui. Inclusive, é uma coisa que eu sempre tenho discutido com meu pai, com meus familiares, é porque eu dou tanto valor ou sempre priorizo mais o lado profissional. Isso foi até a motivação do término do meu casamento... eu fui casada durante sete anos... porque eu ganhei uma bolsa para fazer um mestrado na Inglaterra e aí não desisti dela de jeito nenhum, meu marido não queria ir, não queria que eu fosse, foi aquela confusão e eu disse: “não vou desistir de jeito nenhum, vou”. E aí, assim, sempre a questão profissional e acadêmica estiveram à frente da pessoal, então eu continuo ainda querendo investir no aspecto profissional, talvez crescer mais a assessoria de imprensa, enfim... equipá-la... sabe? Eu estou mais para essa área, depois eu penso nos outros aspectos da vida, construir uma nova família quem sabe.....ter filho mais na frente (...) (Bárbara, 31 anos).

Sobre a relevância da atividade profissional remunerada para a mulher contemporânea, Rocha-Coutinho (2005) comenta que:

(...) o trabalho é parte importante, essencial, na vida das mulheres, e a conciliação de uma carreira profissional bem-sucedida com a maternidade é vista não apenas como possível, mas também como desejável (ROCHA-COUTINHO, 2005, p. 136).

As mulheres não querem trabalho ou maternidade. Em suas falas não há a presença de termos excludentes, mas sim de uma coisa e outra. Querem unir atividade profissional à maternidade, conciliar casamento e ascensão profissional, trabalho fora de casa e cuidar de seu lar. Como diz Nina, de vinte e cinco anos, as mulheres estão conduzindo suas vidas de outra forma, e já sabem que não têm que optar por uma única posição de sujeito:

Eu acho que foram muito boas essas conquistas, (no espaço público do trabalho remunerado, para as mulheres) minha mãe mesmo, ela sempre cuidou da casa e das filhas (cinco filhas) e deixou o emprego de lado, e isso não foi bom para ela... tanto que depois de um tempo ela voltou a trabalhar e trabalha até hoje... eu acho assim: tem que dividir... tem tempo pra cuidar dos filhos e ter o trabalho, acho muito importante isso... não dá para você viver só em função dos filhos entendeu? Tem que ter o seu lado profissional também (Nina, 25 anos).

Nos discursos das mulheres que fizeram parte dessa pesquisa, percebemos uma consonância com a realidade atual, que exalta o trabalho, a independência e o individualismo. Para os autores pós-estruturalistas, com os quais trabalhamos, não é apenas o discurso presente no espaço social e cultural que define a estrutura do eu e a subjetividade das pessoas, gerando indivíduos competentes em seus contextos sociais. Eles sugerem que a

subjetividade é “parte do tecido relacional, da trama social nos quais todo indivíduo está sempre inserido” (DOMÉNECH, TIRADO e GÓMEZ, 2001, p. 117). Assim, notamos que há uma série de determinantes para formar um discurso social. Não há algo externo, pré-existente, que vai ser inserido no ‘interior psicológico’ dos sujeitos. A subjetividade é formada na interação contínua entre o que se chama social e a suposta ‘interioridade psicológica’. Pretende-se, com essa idéia, uma dissolução definitiva da dicotomia interior-exterior. De acordo com os autores supracitados:

(...) pensar não é um processo psicológico, mas um processo de argumentação coletivo (...) interação contínua dos membros de uma comunidade determinada (...) a subjetividade constitui-se, dessa perspectiva, no uso e elaboração de um complexo de narrativas, discursos, conversações, atos de fala ou significados que a cultura põe à nossa disposição e que manipulamos nas realidades interacionais que habitamos (DOMÉNECH, TIRADO e GÓMEZ, 2001, p. 118-119).

Essa análise, portanto, posiciona-se contra o essencialismo naturalista. Opõe-se à idéia de que o discurso que está fora (no discurso social) vai formar um dentro (subjetividade humana). Assim, pensar que os sujeitos se constroem de modo individual e que as mudanças ocorrem simultaneamente nas esferas sociais, de maneira fluída e contínua, vai de encontro a esta concepção. Pensamos que o sujeito humano, juntamente com o mundo que o cerca, pouco a pouco formula conceitos, reformula idéias e constrói-se. No caso das mulheres, essa construção implica em posições de sujeito como: mãe, filha, esposa e profissional. A sociedade contemporânea, como dizem Szapiro e Féres-Carneiro (2002):

(...) apresenta o indivíduo como projeto, aberto a infinitas possibilidades. A divisão entre o que é permitido e o que é proibido desliza, na modernidade, para outra divisão, aquela entre o possível e o impossível, onde o impossível hoje poderá ser amanhã possível (SZAPIRO e FÉRES-CARNEIRO, 2002, p. 181).

Assim, ao mesmo tempo em que assume uma nova posição no mercado de trabalho e dedica-se muito à profissão, não se deve estranhar o fato de que a mulher também deseje com a mesma intensidade, a maternidade, e tenha prazer em cuidar de seus filhos e zelar por sua família, assim como por sua casa. O sujeito humano é mesmo assim: indefinido, não acabado e contraditório.

4 - OS DESTINOS DA MATERNIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

A sacralização da maternidade surge entre o final do século XVIII e o início do século XIX. Durante todo o período da modernidade construiu-se um conceito de que o caminho natural para a mulher seria a maternidade. É construída, socialmente, a idéia do 'amor-amizade' como a base das relações entre os casais, a mulher se transforma em uma criatura meiga e obediente, de quem se esperava comedimento e indulgência (BADINTER, 1985). A nova mamãe amamenta o seu filho porque isso lhe proporciona prazer, e tem como recompensa desse gesto uma infinita ternura (DIAS e LOPES, 2003). Conseqüentemente, a mãe passa a ter responsabilidade direta pela felicidade, e pela infelicidade de seus filhos.

Em torno do ideal materno construiu-se uma série de 'mitos' sobre a maternidade, em parte esclarecidos no livro de Elisabeth Badinter (1985) 'Um amor conquistado - O mito do amor materno'. Neste livro a autora procurou esclarecer os motivos políticos e sociais que levaram a mulher a ocupar, durante muito tempo, o trono materno, e tendo como obrigação carregar e distribuir esse amor, concebido como inato à condição feminina. Até os dias de hoje, o amor de mãe se impõe socialmente como o único tipo de amor capaz de ser incondicional e inabalável.

O poder materno marcou toda a modernidade e ainda se pode perceber o quanto a maternagem é entendida, pelo senso comum, como função exclusiva da mulher. O senso comum, como define Silva (2000b):

(...) é o conjunto de pressupostos que fazem parte das visões de mundo pouco organizadas, contraditórias e fragmentadas de qualquer sociedade. Em um sentido mais amplo, o conjunto de pressupostos que são aceitos sem questionamentos (SILVA, 2000b, p. 99).

O ideal materno que construiu-se, ao longo da modernidade, foi determinante para a afirmação da mulher como, essencialmente, mãe. Durante décadas, através das diversas reivindicações ligadas ao movimento feminista, as mulheres procuraram livrar-se do peso das atribuições e deveres sociais que limitavam a sua liberdade e possibilidade de crescimento. Em meados do século XX já existiam muitos caminhos abertos para as mulheres, mas elas sentiam-se indecisas entre viver a vida de antigamente ou seguir uma carreira profissional. As mulheres ficavam entre o trabalho, que lhes possibilitava autonomia e os cuidados com a casa e com os filhos, que durante muitos anos lhes foi atribuído como direito e dever. O grande dilema que se apresentava era viabilizar o trabalho fora de casa quando viessem os filhos. Boa parte das mulheres já começava a trabalhar, mas não podiam planejar o momento da maternidade, pois não existiam recursos contraceptivos que lhes possibilitassem um planejamento familiar seguro. Não havia tampouco políticas trabalhistas que lhes dessem garantias ao engravidar. Contudo, diante de todas as dificuldades que lhes eram apresentadas e com os sucessivos boicotes à atividade profissional feminina, elas seguiram adiante, determinadas a conquistar espaço no mercado de trabalho. Gradativamente, esse objetivo foi sendo alcançado e, à medida que puderam mostrar (quase provar) sua competência, evidenciou-se que as mulheres não abririam mão do trabalho remunerado. Sobre a importância do planejamento familiar para proporcionar à

mulher mais autonomia e possibilitar ascensão profissional, Szapiro e Féres-Carneiro (2002) comentam:

Os contraceptivos (a pílula, em especial), contribuíram para a autonomização do desejo das mulheres com relação ao desejo dos homens. Quando a maternidade pôde ser objeto de planejamento, o ato sexual pôde passar a representar tão somente uma experiência de prazer, desvinculando-se da questão da procriação. A pílula, como recurso contraceptivo, transformou a maternidade em uma opção planejada e talvez tenha sido, num certo sentido, o maior aliado do discurso feminista. A prática da contracepção fez surgir um tipo de esterilidade voluntária (SZAPIRO E FÉRES-CARNEIRO, 2002, p. 182).

Apesar de muitos anos de lutas do movimento feminista a mulher ainda hoje é, muitas vezes, questionada quanto ao seu papel materno. Diversos discursos sociais reforçaram esse papel ao longo da história feminina na sociedade moderna, como por exemplo, os poemas românticos publicados no início do século vinte. Lopes (2003) nos relembra a força desses discursos:

O discurso literário sempre foi utilizado, conscientemente ou não para a transmissão dos mecanismos de controle do patriarcado, feitos através da maternidade e do mito do amor maternal. Principalmente a poesia romântica, depois a parnasiana contribuíram para popularizar o discurso patriarcal sobre a maternidade. Estamos virando a mesa lentamente, a prosa ficcional de autoria feminina já fez há décadas esta ruptura com o discurso tradicional sobre a maternidade. Todavia, a poesia segue devagar, com discursos isolados, porque um discurso poético sobre a contingência do amor materno suscitaria uma grande angústia em todos nós. Não vende livros, não tem circulação (LOPES, 2003, p. 13).

Para Szapiro e Féres-Carneiro (2002), a maternidade foi entendida, durante todo o século XX, como uma espécie de limitação e impedimento para a conquista da paridade de direitos com os homens:

(...) a partir dos anos sessenta encontramos nos discursos de importantes representantes do movimento feminista a proposição de que a maternidade seria uma condição da qual

toda mulher deveria tentar escapar. Isto porque seria exatamente nesta condição que a mulher seria submetida a uma maior opressão por parte do homem. Escapar da maternidade também significava, para a mulher, não mais aceitá-la como um destino inevitável e sim concebê-la como uma escolha livre e autônoma, como uma opção (...) dentre as diferentes correntes de pensamento que conformaram o movimento feminista dos anos sessenta e setenta, uma delas, bastante forte e influente, atribuía ao casamento e à maternidade a causa da opressão das mulheres pelos homens. Beauvoir (1960) dizia que a maternidade favorecia o exercício da dominação masculina (...) ela sugere que: se a mulher quiser ter filhos, é melhor que os tenha sem casar, porque o casamento é a maior armadilha (SZAPIRO e FÉRES-CARNEIRO, 2002, p.p.180-182).

De fato, o casamento foi para a mulher durante muito tempo, passar do domínio do pai para o domínio do esposo. O homem era 'senhor' da casa e da família, sua autoridade prevalecia sobre os bens materiais (a casa, a fazenda, o dinheiro) e também sobre sua esposa e os filhos. A mulher estava sob o jugo do homem. De modo geral, não tinha voz ativa e estava restrita aos limites da residência, expondo-se publicamente em poucas ocasiões. Nesse contexto, a maternidade foi seu destino natural, uma obrigação para a mulher casada e um objetivo a ser alcançado pelas solteiras.

Atualmente, passadas muitas décadas, apresenta-se uma realidade um pouco diferente. Nesta, em paralelo à ênfase profissional, há um discurso que exalta a maternidade como algo sublime e inexplicável. A mulher de hoje parece continuar a incorporar o ideal do amor materno como um sentimento inerente ao feminino. Em uma perspectiva essencialista, fazendo parte de sua natureza. Identificamos com grande frequência, entre as colaboradoras dessa pesquisa, a associação de sentimentos maternos com as características descritas por Rocha-Coutinho (2005), que identificam a maternidade com a abnegação, a dedicação e a docilidade. Essas características ressaltam o ideal

de mulher/mãe marcado pela devoção e pelo amor incondicional. Em suas falas as mulheres evidenciam que o amor incondicional, além de ser da “natureza” da mulher/mãe, a coloca em um patamar superior ao homem/pai. A esse respeito, Bruna afirma:

O amor de mãe nunca vai ser igual ao amor do pai (...) é diferente... é totalmente diferente, o amor de mãe é incondicional, ele não impõe a condição para nada, ele é doação pura...sabe? ele é pura doação, a partir do momento que você permitiu aquele ‘serzinho’ ali dentro, você está emprestando seu corpo... isso é uma coisa muito louca... isso é único, não existe igual, o homem não tem isso que a mulher tem, o homem não tem a sensação... o amor da mãe é diferente porque ela teve a criança em si, né? ...dentro de si...ela carregou a criança nove meses, mais do que ninguém ela conhece aquela criança, cada chute da criança, cada pulsar do coração dela, a respiração dela, a mãe sente tudo isso... (Bruna, 26 anos).

O fato da mulher gestar o filho em seu ventre, sentir o bebê mexendo dentro de si e alterar as formas de seu corpo durante a gravidez, dá à mulher, na opinião de Bruna, mais propriedade sobre a criança, tornando a união mãe-filho mais estreita do que a ligação entre pai e filho. Esse entendimento diminui, por exemplo, o vínculo amoroso, melhor dizendo, a ‘qualidade do amor’ que as mães adotivas e os pais em geral constroem com seus filhos. Sabemos, porém, que elas e os pais podem amar intensamente seus filhos sem os ter gerado. Os vínculos afetivos são constituídos com a prática do cuidado. É através da interação entre pais e filhos que se constroem os laços de amor. O ideal de amor incondicional está muito ligado ao discurso social criado há muitas décadas, o qual se esqueceu de esquecer...

Para Sandra, ser mãe é, também, algo mágico, um dom divino, a mais especial das tarefas que uma mulher pode realizar. Sobre o que significa ser mãe, ela diz:

Ah! deve ser lindo, eu não sei dizer o que é... eu acho que deve ser a melhor coisa que uma mulher pode sentir, a melhor coisa que pode acontecer na vida de uma mulher. Eu digo isso não por mim porque eu não sou mãe, só sabe o que é ser mãe quando se é, né verdade? Mas eu acho que deve ser maravilhoso.... pelo que minha mãe fala, pelo que minhas amigas que já têm filhos, falam...(...) deve ser realmente um sentimento muito forte...os pais em geral, a mãe mais, eu acho que é mais forte, porque a mãe leva dentro, ela sente mais, ela sente o desenvolvimento da criança, ali dentro dela, leva ali dentro dela nove meses...e tem todo o desenvolvimento da criança, que ele chuta, que ele está ali vivo o tempo todo (...) e é ela que passa a energia para ele e vice versa... eu acho que a ligação com a mãe é maior por causa disso, por ela sentir toda essa transformação dentro dela, o desenvolvimento daquele ser... (Sandra, 26 anos).

No discurso de Sandra percebemos, novamente, que o fato de a mãe 'levar dentro', faz com que as mulheres cultivem a idéia de que essa ligação natural entre mãe e filho, por si só, seja suficiente para despertar um amor materno incondicional.

Em Silva (2002) vemos que o apelo à natureza, ao biológico, fecha, antecipadamente, a possibilidade de qualquer questionamento, pois é evidente que não há como modificar a NATUREZA. Quando se coloca o amor materno como algo da 'natureza' feminina, a questão adota um caráter de certeza e passa a ser inquestionável. Podemos observar isto na fala de Bárbara:

Eu acho que muda a vida completamente da pessoa (a maternidade) (...) eu acho que uma mãe que ama, que cuida do filho, que está presente em sua educação, que acompanha seu dia-dia na escola, que se preocupa em estar com ele, em passar carinho para o filho, eu acho que tendo amor e dedicação, já é um ideal de mãe... mãe está muito no sangue. Quando você é mãe, você tem muita vontade

de ser mãe, aquilo ali é um fruto seu e você quer cuidar com o maior carinho do mundo e ajudá-lo a seguir rumos adequados na vida... apóia-lo no que ele precisar, eu não diria que tenha qualidades específicas, mas havendo amor, carinho, devoção e cuidado (...) o menino ou a menina se espelha muito na mãe, eu acho que o laço, a afetividade, a ligação é muito grande com a figura da mulher... acho que mãe é participação no dia-dia... (Bárbara, 31 anos).

Contudo, há uma grande diferença na forma como as mulheres tornam-se mães, nos dias de hoje. Elas planejam o momento certo em função da profissionalização, da estabilidade emocional com o companheiro e possível pai da criança e, sobretudo, em função de sua situação econômica. De acordo com nossas entrevistas, podemos dizer, também, que há a forte presença de um conteúdo que atribui ao amor materno uma característica divina. Palavras tais como: doação, abnegação e amor incondicional, guardadas as diferentes intensidades, estiveram presentes em todos os depoimentos. Vejamos o que diz Bruna:

(...) você deixa de ser um pouco mulher (ao ser mãe) deixa de ser um pouco você para ser mais o outro, acho que por isso que dizem que o amor incondicional é o da mãe, porque é verdade... você dá sem querer receber, você simplesmente dá, é uma doação, literalmente, sem encargo, você está se doando inteiramente àquele 'serzinho' que depende de você, ele depende de você (...) (Bruna, 26 anos).

O discurso de Bruna remete a uma doação tão intensa e a um amor tão incondicional que leva, inclusive, a uma desistência temporária da identidade de mulher em função da identidade de mãe. Alana confirma o discurso de Bruna sobre o ideal de mãe e enfatiza a abnegação materna, tomando como exemplo a sua própria mãe:

Ah! Mãe é aquela que tem em primeiro lugar o filho, tirar dela mesma para dar ao filho, eu acho que o meu ideal de mãe é isso (...) por exemplo, tira seu próprio lazer para poder pagar uma faculdade para o filho, pagar um curso, enfim... eu acho que minha mãe fez assim, eu tenho ela como exemplo (Alana, 26 anos).

A cultura ocidental ainda guarda o ideal que correlaciona as figuras da mulher e da mãe. A maternidade seria o caminho natural para as mulheres. Como dizem Szapiro e Féres-Carneiro (2002, p. 183): “não nos esqueçamos de que a mulher perfeita no Antigo Testamento é fecunda, mãe e dedicada à casa”. É dessa figura, da mãe sagrada, que fala Carolina. A mulher que tem o dom divino da procriação, a mãe que possui o sentimento especial e único: o amor incondicional.

(...) eu acho sublime (a maternidade) (...) eu acho que não existem palavras pra você descrever o que é ser mãe, mas eu acho que seria isso: sublime. Acho que Deus escolheu a mulher para carregar uma vida no seu ventre e é uma dádiva, é uma coisa, assim, que realmente não tem como... você carregar um outro ser dentro de você, você depois amamentar esse ser, você ver uma vida nascendo dentro de você. Nossa Senhora! Deve ser uma coisa fantástica! (...) eu acho que existe amor (para definir o que é ser mãe) eu acho que não dá para você falar ‘mãe’ e não pensar na palavra amor, na palavra dedicação, na palavra doação. O amor incondicional, eu acho que não existe ideal, eu acho que existe a coexistência com esses sentimentos. Ser mãe é tudo isso junto, é tudo de bom junto (...) Eu acho que o amor da mãe é incondicional, acho não, tenho certeza (...) eu tiro pela minha mãe. Ela faz tudo por nós, ela tira o dela para dar a mim e ao meu irmão (...) (Carolina, 31 anos).

Além de nos fazer perceber que o amor materno, em sua concepção, não guarda condições, Carolina também toma como modelo a sua própria mãe. Para ela a maternidade está ligada ao divino, é uma coisa mágica. Seu ideal inclui, também, a abnegação e o “tirar” de si mesma para dar ao filho, afinal: “amor, só de mãe”.

Na entrevista com Renata, de trinta e um anos, essa questão fica bem clara. Ela namora há seis anos e há dois anos está noiva. Mora com os pais em um apartamento próprio e, ainda não está trabalhando, pois estuda para fazer concurso público para ser promotora de justiça. Sua fala está recheada de elementos supostamente essenciais à figura feminina. Para ela, a mulher, é detentora de uma capacidade especial e inata para cuidar dos filhos e da casa. Sobre a mãe dedicada, dona de um espírito maternal inerente ao feminino, ela comenta:

*(...) ser mãe é a realização da mulher realmente, é consagrar, criar algo que sai dela, é uma... esse espírito maternal é inerente a mulher.... ela se dedicar àquela criança, ela ver aquela formação, aquele vínculo emocional... é inexplicável essa ligação entre mãe e filho. Eu acho que a vida hoje... as pessoas estão deixando um pouco de lado as emoções, mas eu acho que para mulher é mais difícil deixar de lado, eu acho que é algo que em determinado momento é até orgânica essa necessidade dela ter essa projeção dela nesse filho, ter essa dedicação, ter esse espírito de cuidado, de dedicação. Em mim isso é muito ativo, eu vejo que eu tenho um espírito maternal muito forte. Mas, independentemente, é da mulher isso, é natural dela, não tem como ser diferente eu acho.... (ser mãe) é aquela questão de você pensar mais na outra do que em si (...)
(Renata, 31 anos).*

Nesse trecho Renata, também, fala da capacidade 'natural' da mulher de cuidar da casa e de sua extrema sensibilidade com os filhos, e da falta desse 'dom' no homem:

(...) até de você cuidar (dos filhos) você saber que ele depende de você, que você está formando aquela criatura que está ali do seu lado, que essa formação vai... não que o sucesso ou o insucesso dessa formação vai depender, exclusivamente, de sua responsabilidade, não é isso, mas que em grande parte sim, você é a base daquela criança, o espírito maternal é essa dedicação, é criar realmente, é cuidar, é zelar, é se dedicar. Eu acho que realmente a mulher tem isso dentro dela, tanto que assim, a gente vive em uma sociedade machista e tal, mas o zelo pela casa é mais da mulher realmente, ela é mais caprichosa, ela é mais cuidadosa, ela é mais

atenta. Eu acho que a atenção é fundamental, é você perceber o que a criança precisa, você perceber se está bem ou se não está, é sensibilidade, eu acho que é inerente à mulher, o homem não tem essa sensibilidade tão à flor da pele. Por exemplo, com o passar do tempo, com a mudança das relações humanas, pode ser que a mulher deixe de ter tantos encargos, porque veja que a criação não é apenas obrigação, é prazer também...né? Então, assim a gente vive ainda numa sociedade machista, onde as obrigações são muito da mulher né? Então não é dividir as responsabilidades, mas a questão desse sentimento natural que surge do prazer, eu acho que a mulher é mais, é mais ligada a isso do que o homem né? Claro que existem exceções, tanto de um lado quanto de outro, mas a regra geral é mais ou menos por aí... (Renata, 31 anos).

Ao mesmo tempo em que é evidente a gradativa ascensão das mulheres no mercado de trabalho remunerado, “há uma certa resistência do poder materno que muitas mulheres não desejam partilhar” (LIPOVETSKY, 2000, p. 255). Parece que as mulheres percebem que o tempo de ser mãe é outro, porém não menos importante e desejado. É crescente o número de mulheres que comandam empresas e ocupam cargos de chefia. Com isso a maternidade é bem pensada, calculada para um momento em que a mãe possa dedicar-se ao filho, menos carregada de tarefas e projetos profissionais. As conseqüências desse novo comportamento feminino não se restringem ao adiamento da maternidade, incluem também a redução do número de filhos. O que não impede o desejo e a satisfação da mulher com a maternidade, como lembra Lipovetsky (2000):

(...) se muitas mulheres se queixam da dupla jornada e desejam uma melhor divisão de tarefas no seio do casal, apenas uma franquíssima minoria julga tedioso ou desagradável cuidar dos filhos, alimentá-los, banhá-los e educá-los. Muitas mulheres ativas exprimem antes o pesar de não poder cuidar mais dos filhos (...) na contemporaneidade as tarefas maternas são pensadas menos com um fardo do que como um enriquecimento de si, não constituindo mais obstáculo à autonomia individual (LIPOVETSKY, 2000, p. 256).

Braga e Amazonas (2005, p. 11), comentam que, historicamente, a maternidade tem sido “construída como ideal máximo da mulher, caminho da plenitude e realização da feminilidade, associada a um sentido de renúncia e sacrifícios prazerosos (...)”. A condição materna foi sinônimo de perda de liberdade e de restrição dos projetos profissionais. Porém, uma das principais conquistas da revolução feminista foi o fim da maternidade como destino único e obrigatório. Nossas entrevistadas corroboram essa afirmação demonstrando que a maternidade já não é vista mais como renúncia aos projetos profissionais, e sim como sinônimo de uma devoção voluntária ao filho, um motivo de realização feminina. É o que demonstra esse trecho da entrevista com Alana:

Eu acho que apesar de os filhos estarem um pouco em segundo plano pela falta de tempo dos pais, o desejo de ser mãe não diminuiu, eu quero muito ser mãe, mas cada coisa em seu tempo, primeiro preciso estar bem empregada (...) (Alana, 26 anos).

Alana é mais uma entrevistada que toma a própria mãe como modelo de maternidade. Considera, também, que a condição materna confere à mulher o sentimento de completude, um fato que confirma sua feminilidade. Para ela, não deve haver distinção de papéis, ambos devem ter os mesmos cuidados, mas percebe que a mulher se doa mais à família e é mais dedicada e preocupada com o bem-estar dos familiares.

A respeito do discurso de feminização da sociedade moderna que conferiu à mulher mais liberdade e autonomia, Szapiro e Féres-Carneiro (2002, p. 180) vão dizer que este não eliminou, contudo, “as formas, nem sempre sutis, de segregação da mulher no mundo do trabalho, formas que

permanecem até os nossos dias”. Em decorrência da naturalização das funções entendidas como essencialmente femininas, as mulheres acabam, segundo Rocha-Coutinho (2005), sendo relegadas ao segundo posto na realidade competitiva do mercado de trabalho. Tal autora considera que no início do século XIX:

(...) começou-se a demarcar uma série de características, como, por exemplo, abnegação, dedicação, docilidade (...) quase todas vinculadas àquelas características necessárias a uma “boa” mãe, levando-se a uma identificação entre maternidade e feminilidade que, em diferentes graus, permanece até os nossos dias (ROCHA-COUTINHO, 2005, p. 124).

Essas características ‘essencialmente’ femininas, até os dias de hoje, acabam trazendo como conseqüência, para a mulher, uma condição desigual de disputa no mercado de trabalho. Muitas vezes, ela é preterida profissionalmente, por não conseguir dedicar-se, na mesma medida que o homem, pelo acúmulo de tarefas e responsabilidades que tem de dar conta. A divisão das tarefas domésticas, e dos papéis familiares de pai e mãe parecem, ainda, estar presos aos modelos do século passado.

O discurso de Alana, de vinte e seis anos, remete ao ideário de mulher-mãe, que une maternidade à realização feminina. Em sua fala transparece que o maior desejo é tornar-se mãe, porém coloca o lado profissional como uma meta a ser alcançada antes da maternidade. Considera que o homem põe os filhos em segundo plano, ao contrário da ‘verdadeira mãe’. Alana diz que não conhece uma mulher que não queira ter filhos e que a sua mãe dá mais atenção e é “muito mais família”:

Meus projetos de vida são... é... conceber uma família, aliás, a princípio, profissionalmente, eu ainda não estou realizada profissionalmente (...) mas para mim ser mãe é... acho que, para uma mulher, realmente, se realiza como mulher quando ela é mãe, eu tenho isso... eu acho isso, eu não sou mãe ainda, mas eu creio que seja dessa forma. Eu acho que ter um filho é muito importante para uma mulher (...) na minha opinião eu acho que sim, que (a mulher) só se realiza quando é mãe, depende do ideal de cada pessoa né? Mas eu tenho para mim assim... Acho que (a maternidade) é aquela coisa de antigamente, de continuar, de procriar, de dar continuidade à família, a linhagem, e a importância de se realizar como mãe, acho que a grande maioria das mulheres quer ser mãe, né? (Alana, 26 anos).

Para Renata, de trinta e um anos, a questão se dá de uma forma semelhante. Ela acredita que a maternidade dá à mulher a condição de realização ‘verdadeiramente’, algo como uma condição superior:

(...) eu acho que se uma mulher disser que não tem o plano de ser mãe, ela não, ainda não chegou o momento dela. (...) acho que ser mãe é ‘a’ realização da mulher, realmente, é consagrar, criar algo que sai dela (...) esse espírito maternal é inerente a mulher, o espírito maternal é a dedicação, é criar, é cuidar, é zelar, é se dedicar, eu acho que a mulher tem isso dentro dela (...) (Renata, 31 anos).

Diante de todos esses exemplos, que atribuem à maternidade características tão especiais, é preciso ressaltar que a função materna não pode ser vista, apenas, como a herança de uma construção ideológica firmada no século XIX. Sua importância vem “acompanhada de gratificações diversas, de perspectivas de sentido, de posições de poder, de afirmação identitária, de autonomia organizadora”, de acordo com Lipovetsky (2000, p. 255). Além disso, existem ganhos na posição-de-sujeito ‘mãe’ que a mulher parece não querer partilhar. O poder atribuído ao materno gera admiração e é, para ela, um reconhecimento social garantido. Lipovetsky (2000) comenta que a relação com o filho produz na mulher um sentimento de alegria ao contribuir para o

despertar e a felicidade de um ser, uma satisfação de sentir-se indispensável e, por fim, a questão do poder de influenciar sobre o presente e o futuro do filho, bem como a realização da identidade de mulher-mãe. O problema é quando as coisas não acontecem com tanta 'perfeição' e a maternidade não se revela tão satisfatória quanto se esperava.

A maternidade constitui uma das possibilidades de identificação feminina, porém não esgota o ser mulher. O que se impõe é 'desnaturalizar' essa função e assim tirar dela o 'peso da obrigação'. O que se identifica na fala das participantes dessa pesquisa é que o discurso materno está sempre ligado à alegria, à felicidade, à realização e a sentimentos de satisfação incomparáveis. É como uma 'obrigação' de ser feliz por ser mãe. Os atos performativos de que trata Judith Butler (1999) falam do discurso que se repete constituindo uma identidade. No caso da maternidade, seria como dizer que ao continuar repetindo em seus discursos que a maternidade é algo inerente ao feminino, um dom divino, condição de amor incondicional, as mulheres estariam produzindo uma 'performatividade'. A performatividade, como diz Butler (1999) são proposições, enunciados, que ao se repetir deixam de ser uma mera descrição e passam a produzir algo, efetivando a realização do que é dito. Um exemplo disso pode ser: "amor de mãe é incondicional". Porém ela esclarece que a mesma repetição que transforma os enunciados descritivos em atos performativos pode ser interrompida, questionada e contestada.

Como viemos discorrendo no corpo do trabalho, identificamos mudanças nos discursos das mulheres que entrevistamos, porém, em sua maioria, tais discursos circulam em torno do desejo e da alegria que traz a maternidade. Na entrevista de Carolina, por exemplo, de trinta e um anos, que mora com os pais

e um irmão mais novo. É sócia-gerente de uma clínica estética e diz que, quando tiver seus filhos, quer ela mesma cuidar. É interessante observar esse trecho de sua fala:

(...) hoje é muito fácil, hoje os filhos estão sendo criados, em muitos casos pelas babás, por causa do trabalho dos pais, e no final das contas a criação não é como deveria ser... os pais quando chegam em casa vão tentar compensar o dia todo de ausência dando de tudo ao filho (...) eu não quero isso não, eu quero me dedicar ao meu filho quando eu for mãe, eu mesma trocar a fralda, dar banho, essas coisas, ficar o máximo de tempo possível com ele (...) (Carolina, 31 anos).

O que Carolina traz é a crescente vontade da mulher em atender a duas interpelações: ser mãe e ser profissional. Neste embate de forças, ela se constitui e manifesta seu desejo. O momento de ser mãe é, hoje, adiado durante mais tempo em função da profissionalização, mas não extinto. O que percebemos é que o desejo materno continua forte e presente, porém revestido de outras características e rodeado de planejamentos. É o que observamos na fala de Renata. Sobre o momento e as condições ideais para tornar-se mãe, ela diz:

(...) acho que a primeira condição é emocional, eu acho que a mulher para ser mãe tem que estar em um momento de querer, porque é uma mudança muito grande na sua vida. Você passa de uma vida onde você é responsável apenas por você (...) a partir do momento em que se é mãe, essas escolhas e as conseqüências dela também vão refletir em uma outra criatura. Então, primeiro de tudo eu acho que é esse amadurecimento emocional. Você tem que abrir mão de algumas coisas para ser mãe, até porque demanda uma mudança de hábitos no seu dia, sobretudo quando a criança ainda é muito pequena. E, segundo, demanda uma mudança de decisões realmente, de responsabilidades (...) você tem que, agora, se dedicar ao divertimento da criança. Eu acho que esse é o fator mais importante independente de classe social, de momento de vida, eu acho que você tem que estar em um momento emocional ideal para isso, para que ser mãe não se torne um encargo, um desprazer (...) e eu acho que uma segunda questão é estar com uma estrutura

financeira, uma estrutura de casa, de trabalho. De família eu até nem coloco tanto, porque não necessariamente você precise ter um companheiro do seu lado para você tomar essa decisão de ser mãe, né? Seria o ideal para a criança, eu acredito, mas eu acho que a criança ter o local dela, ter um bom colégio, ter uma educação boa, isso realmente é fundamental para uma boa criação, eu acho. Acho que são esses dois fatores que você precisa amadurecer e ter realmente essas bases para decidir ter um filho (Renata, 31 anos).

Para Renata as condições prevalentes para tornar-se mãe são emocionais e financeiras. Não considera a estrutura de família nuclear algo imprescindível para ter e criar um filho. Para ela, a presença do pai não é tão relevante quando se pode proporcionar à criança uma boa casa, um bom colégio e um ambiente familiar saudável, que possibilite seu desenvolvimento. Privilegia a relação do filho com a mãe, e enfatiza a necessidade de poder dar aos filhos uma boa educação. Com relação ao imperativo do poder econômico na sociedade contemporânea, Pinto (2005, p. 20) comenta que: “hoje, o que se observa é que ganhar muito dinheiro, além de prioridade e referência de sucesso profissional, é um pré-requisito para se ter um filho”.

Na entrevista com Sandra, que mora em Recife com os pais e uma irmã mais velha e está noiva há um ano, observamos sua opinião sobre as transformações que a maternidade proporciona à mulher:

(...) eu acho que quando a pessoa é mãe, amadurece, em termos assim de... eu acho que fortalece a mulher, porque no momento que ela está: “ah! eu tô em dúvida se quero trabalhar nisso ou naquilo mas não tenho coragem”, eu acho que a condição materna dá força porque agora você tem mais uma pessoa para sustentar: “é mais uma pessoa que depende de mim”. E depende para tudo, para sobreviver, para comer, para tudo, para ser alguém na vida, então ela tem que batalhar por alguma coisa, né? Pelo filho... eu acho que dá força à mulher para ela querer batalhar, para ela querer dar tudo ao filho (Sandra, 26 anos).

Sandra entende que a maternidade confere à mulher força para lutar, aguçando seu instinto de proteção. Transparece também, em sua fala e ao longo de sua entrevista, a presença da condição materna como poder. O poder de ser mãe lhe dá segurança e lhe instiga a proteger o filho. Seu poder reside em ser imprescindível na vida do filho, já que este “é mais uma pessoa que depende de mim. E depende para tudo, para sobreviver, para comer, para tudo, para ser alguém na vida”. Sandra, diferentemente de Renata, enfatiza a importância da família nuclear e toma a própria mãe como modelo de maternidade. Considera também que a mulher, ao tornar-se mãe, deixa de se preocupar consigo mesma em função do filho:

Eu acho, também, que esse lado materno faz com que você deixe de se preocupar com você e comece a se preocupar com o filho... tudo é para o filho. Isso é pelo que eu conheço da minha mãe, ela não se preocupa de jeito nenhum com ela, ela deixa de comprar uma roupa nova para ela para comprar para mim e para minha irmã, tudo é para mim e para minha irmã. Ela pensa: “quero comprar isso pras meninas”, “tem um curso que ela quer fazer”, tudo sabe? Ela trabalha para... Aí a gente diz: “mãe não precisa não, compre para você” e ela diz: “não quem precisa é você”. Sabe? (...) Mas não só materialmente, não só brinquedos, não só roupas...tem o lado afetivo, muito amor e muito carinho, eu acho que é uma troca, deve ser uma troca muito grande...é muito forte isso entre uma mãe e um filho... é como se diz “é ruim perder a mãe, mas perder um filho é muito pior”, deve ser, não sei (...) minha mãe diz que é, ela diz que se perdesse um filho morreria (...) Mãe além de tudo é aquela pessoa carinhosa, muito atenciosa com seu filho, muito (...) eu acho que é isso ser mãe, é ser antes de tudo amiga, as pessoas mais importantes para mim são os meus pais (...) minha mãe principalmente... (...) acho que é a família nuclear é o principal... (Sandra, 26 anos).

Um ponto que se destaca em nossas entrevistas, é que a mulher contemporânea busca a atividade profissional e deseja ser mãe com a mesma intensidade. Para a realização da maternidade precisa conquistar seu

emprego. A mulher deseja trabalhar antes de ser mãe. Como observamos na fala de Nina, sobre a condição materna nos dias de hoje, ela diz:

(...) eu vejo como uma realização que toda mulher quer ter (a maternidade), (...) eu gostaria muito, se pudesse teria hoje, se eu tivesse condições financeiras eu teria hoje, se estivesse formada...mas já que não dá ainda... (Nina, 25 anos).

Percebemos que as mulheres desejam ser mães e atribuem à condição materna uma função especial, um papel social nobre. A maternidade, como vimos, muitas vezes, está associada a uma característica biológica, ao gerar, ao levar o filho dentro de si, ao fato da mulher carregar o bebê em seu ventre. Dessa forma, observamos que o ideal de maternidade está ligado ao desenvolvimento da criança no corpo da mulher, e não apenas à prática da maternagem, do cuidado diário que constitui fator de vínculo afetivo para quaisquer dos pais.

Como a mulher estabeleceu prioridades além de casar e ter filhos, está postergando a maternidade. Com isso, a idade em que há mais probabilidade dela tornar-se mãe é perto dos trinta anos. A maternidade, na contemporaneidade, não é vista pelas mulheres como destino e sim como projeto, fonte de alegria e realização. E, como tal, é passível de um planejamento para que ocorra em um momento da vida determinado pela mulher ou pelo casal. Percebemos que a representação social da maternidade não é algo fixo, mas um processo, um conceito em transformação, uma posição-de-sujeito atravessada por questões sociais, culturais, políticas e econômicas, que se renova de acordo com o contexto a que está pertencendo.

A respeito do processo de identificação identitária de alguns grupos, incluindo as mulheres, Louro (2004) comenta:

Como estudiosa e pesquisadora venho me aproximando desses campos (estudos feministas, gays e lésbicos) numa ótica pós-estruturalista, o que tem feito com que minha atenção se volte mais para os discursos e práticas constituidores dos sujeitos (...) tal perspectiva leva-me a assumir o caráter construído e incompleto (...) Passo a duvidar que alguma instância ou algum grupo seja o portador da "Verdade", e admito que podem coexistir (e se confrontar) muitas "verdades" (...) me vejo atraída, sim, a conhecer e a questionar as formas como uma sociedade (esta em que vivemos, particularmente) trata as mulheres (...) quero descrever as relações de poder que aí circulam e as resistências que são exercidas; por onde passam essas relações, que sutilezas e disfarces assumem, como se expressam. Tento escapar do raciocínio que obriga a decidir se algo (ou alguém) é isto ou aquilo, para pensar que algo (ou alguém) pode ser, ao mesmo tempo, isso e aquilo. (...) (LOURO, 2004, p. 1).

Seguindo o que sugere Louro (2004) devemos pensar mais nos discursos e nas práticas que constituem o sujeito (aqui a mulher). Porque neles circulam as relações de poder. Se conseguirmos fazer um deslocamento e olhar sobre uma perspectiva menos pré-estabelecida, possibilitaremos mais abertura. Assim poderão ser construídas e aceitas outras representações. Um olhar que, por não carregar conceitos prévios, rígidos, inflexíveis, permitirá enxergar as particularidades e as singularidades de cada mulher. No caso da maternidade, entender que existem diversas formas da mulher lidar com a possibilidade do ser mãe. Nem melhores ou piores, certas ou erradas, apenas construídas a partir de um modo singular de se constituir e de estar no mundo.

5 – DESLOCAMENTOS DO FEMININO

A representação de maternidade que se apresentou nesse estudo é o reflexo de uma sociedade em movimento, transformando-se e sendo transformada por esse indefinido e diversificado sujeito contemporâneo. O que percebemos é que as mulheres entrevistadas constroem sua identidade em uma sociedade que coloca como prioridade a profissionalização e a conquista da independência financeira. Conquista esta que é imposta tanto aos homens quanto às mulheres.

A maternidade, por outro lado, ainda é idealizada e muito valorizada, o que se reflete na representação que elas mostraram em suas falas. Para elas, a maternidade está ligada à natureza, ao biológico, a uma característica inata da mulher. Mas, apesar disso, a maternidade encontra-se hoje em um segundo momento de suas vidas, posterior à conquista no campo profissional.

Em primeiro lugar está a atividade profissional e a conquista de uma boa colocação no mercado de trabalho ou, em outras palavras: a busca pela segurança financeira. Este comportamento reflete o momento sócio-histórico em que vivemos, no qual está presente uma cultura que promove o consumo exacerbado, valorizando o sujeito pelo seu poder econômico, o que é fruto e consequência do seu sucesso profissional.

Segundo teóricos, como Peters (2000), podemos afirmar que o sujeito se constrói através da inserção cultural, em um sistema de significações criados em um dado contexto sócio-histórico. De acordo com essa linha de pensamento, entendemos que a mulher não guarda em si um dom mágico que

será revelado com a experiência da maternidade. Este amor poderá ou não ser aprendido com a prática da maternagem. Rocha-Coutinho (2005, p.123) faz uma diferenciação entre a maternidade e a maternagem; Segundo ela, esta última se diferencia da maternidade porque “pode ser realizada tanto por homens quanto por mulheres”; não é algo biológico.

Sabemos que nossa subjetividade é construída em um contexto social, no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos (SILVA, 2000a). É neste contexto, pois, que adotamos nossas identidades. Ao assumir a identidade materna, a mulher, que poderia assumir várias posições de sujeito, adota aquela que continua sendo cultuada pela sociedade: o amor de mãe incondicional.

O que apontam as nossas entrevistas é que há uma nova construção da identidade materna, aqui compreendida como um processo cultural. As mulheres não querem a profissão *ou* a maternidade, mas uma coisa ‘e’ outra. A respeito desse sujeito contemporâneo Santos (2000), esclarece que:

(...) são diversas as possibilidades de identificação, a pós-modernidade transforma a concepção de identidade estável (...) o sujeito adota várias identidades, todas transitórias (...) a pós-modernidade é isto e aquilo, num presente aberto pelo e (SANTOS, 2000, p. 110).

Atualmente, as mulheres adotam múltiplas identidades, trabalham nos mais diversos campos de atuação, casam-se, vivem sozinhas, decidem por ter ou não ter filhos... Em nossa pesquisa encontramos representações maternas que, inicialmente, lembram a antiga representação de maternidade, pois ressaltaram discursos sobre o amor incondicional, o dom especial da mãe, a

abnegação, dedicação, a afetividade e o carinho que não esperam nada em troca. Porém, um olhar mais detido, logo revelou que havia muita mudança por detrás disso. A maternidade não é mais a principal possibilidade de realização, e área de interesse da mulher, muito menos a única. Ela já não acha que precisa, necessariamente, passar pela maternidade. Nesse contexto, a mulher, segundo Lipovetsky (2000), estaria em pé de igualdade com os homens quanto ao poder da escolha. Esse autor comenta que, na pós-modernidade, reina o 'poder de autodeterminação' para os sujeitos, e a indeterminação identitária subjetiva vale para os dois gêneros. Como ressalta Rocha-Coutinho (2004):

Os sujeitos contemporâneos confrontam-se com uma multiplicidade de identidades possíveis e mutáveis, com as quais eles podem, pelo menos de forma provisória, se identificar, o sujeito, assim, que costumava viver a ilusão de uma identidade unificada e estável, está experimentando agora, nem sempre de forma consciente, uma identidade fragmentada, composta, não de uma identidade unitária, mas sim de múltiplas identidades e, freqüentemente, contraditórias, identidades (ROCHA-COUTINHO, 2004, p.4).

A atividade profissional, embora muitas vezes experimentada de maneira angustiante é parte fundamental e imprescindível do projeto de vida feminino. Contudo, como foi dito acima, a maternidade é vista como um fator constituinte da identidade feminina, uma espécie de confirmação da feminilidade e uma fonte de realização, mesmo quando a mulher tem reconhecimento e sucesso no campo profissional. Segundo Lipovetsky (2000):

(...) as tarefas maternas são pensadas muito mais como um enriquecimento de si, fonte de sentido (...) o lugar privilegiado das mulheres na esfera doméstica tornou-se conciliável com a vida profissional e autonomia individual (LIPOVETSKY, 2000, p. 255).

No entanto, o que se impõe não é uma disputa entre o que é mais ou menos importante, mas sim atentar para o direito mesmo de escolha das mulheres; para a não-obrigação em ser mãe para sentir-se plena. Afinal de contas é incoerente falar em plenitude para um sujeito em constante mudança.

Percebemos, também, que as colaboradoras dessa pesquisa não são receptoras passivas do modelo de maternidade, apontado por Badinter (1985). As mulheres, por nós entrevistadas, priorizam a profissionalização e a conquista da independência financeira. Apesar disso, o ideal de mãe ainda conserva várias características tradicionais, tais como: o amor incondicional, a maternidade como algo divino, sublime, sentimento de doação que não pede nada em troca.

Hoje, podemos perceber com mais clareza os efeitos que as mudanças sociais, ocorridas ao longo da Modernidade, nos trouxeram. Essas transformações modificaram conceitos e nos puseram em confronto com a idéia de identidade. Na contemporaneidade, segundo Hall (2000, p.103), está havendo uma “completa desconstrução das perspectivas identitárias (...) que criticam a idéia de uma identidade integral, originária e unificada”. As posições-de-sujeito que a mulher contemporânea vem assumindo não devem ser pensadas como algo estável, nem como um conceito em busca de definição. Mas como um processo de identificação constante, atrelado a um amplo contexto, do qual fazem parte: a cultura, a política, a religião, a economia, entre outros fatores. Como esclarece Silva (2000b):

Na crítica pós-estruturalista do ‘sujeito’, notadamente a partir da análise de Foucault em ‘A arqueologia do saber’, o termo expressa o argumento de que não existe um ‘sujeito’ originário, transcendental, pré-social e pré-discursivo: cada

discurso põe o 'sujeito' numa determinada posição. Na medida em que o 'sujeito' é pensado como correspondendo a discursos que podem ser diversos e contraditórios, o conceito 'posições de sujeito' permite conceber a subjetividade como construída, contraditória e fragmentada (SILVA, 2000b, p. 93).

No caso das mulheres, o mais importante não é saber quem vai se responsabilizar mais pela casa ou pelos filhos, se elas ou os homens, mas como as relações de poder, que estão presentes e atravessam sua representação, podem continuar trazendo conseqüências limitadoras para sua vida. A representação é um "sistema lingüístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder" (SILVA, 2000a, p. 91). É provável que, caso a mulher continue como a principal responsável pelos filhos e pelo lar, sua liberdade e pretensa 'igualdade' estejam ameaçadas, apesar de todas as conquistas sociais já alcançadas pela classe feminina. É necessário, portanto, continuar a discussão sobre as posições-de-sujeito que as mulheres vêm assumindo na sociedade. Como diz Stuart Hall (2000), a perspectiva desconstrutivista põe certos conceitos-chave "sob rasura":

(...) o sinal de rasura (X) indica que certos conceitos não servem mais – não são mais 'bons para pensar' – em sua forma original, não-reconstruída. Mas, uma vez que eles não foram dialeticamente superados e que não existem outros conceitos, inteiramente diferentes, que possam, substituí-los, não existe nada a fazer senão continuar a se pensar com eles – embora agora em suas formas destotalizadas e desconstruídas, não se trabalhando mais no paradigma no qual eles foram originalmente gerados (HALL, 2000, p. 104).

É dessa forma que as mulheres deveriam ser pensadas de agora em diante, com uma visão de sujeito destotalizado e desconstruído. A revolução feminista fez repensar seu lugar na família, no trabalho, na sociedade e enquanto sujeito. Faz-se necessário, portanto, que de fato seja lançado um

novo olhar sobre ela, que lhe dê a possibilidade de construir-se, enquanto sujeito, mais livre e menos pré-determinada socialmente. É imprescindível a criação de um espaço social necessário para o processo de identificação próprio do sujeito humano: transitório, inconsistente, em permanente devir.

Até a Modernidade, segundo Santos (2000, p. 109), trabalhou-se com conceitos excludentes, como por exemplo: “capitalista *ou* socialista, normal *ou* louco, culto *ou* analfabeto”. Porém, o que se apresenta agora é uma dificuldade de definição identitária. Sobre este sujeito pós-moderno, Santos (2000) comenta que:

(...) sem perseguir uma identidade única, harmoniosa, o sujeito *blip*, vive a vida justapondo lado a lado suas vivências: e, e, e, e. Vivências pequenas, fragmentárias, porque não se crê mais em totalidades (...) Assim posto, enfim, o pós-moderno continua a flutuar no indecível (...) Na condição pós-moderna a vida não é um problema a ser resolvido, mas experiências em série para se fazer. Abertas ao infinito pelo pequenino e (SANTOS, 2000, p. 111).

Dessa forma, diz este autor, torna-se difícil representar o que somos, o mundo em que vivemos e os valores que adotamos. Somos impelidos a repensar ‘*o que somos afinal?*’. Temos uma só identidade? Tivemos uma identidade unificada algum dia? Segundo Silva (2000a) as identidades são:

(...) não uma essência, um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, permanente, nem tampouco homogênea, acabada, idêntica ou unificada. Ao contrário, a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. Ela é instável, contraditória, fragmentada e inconsistente (SILVA, 2000a, p.p. 96-97).

É através da interação contínua com os elementos da cultura que assumimos uma determinada identidade. Hoje, muitas vezes, nos sentimos

perdidos ao nos deparar com a exigência pós-moderna de 'estilos misturados'. Para Santos (2000), a pós-modernidade transforma a concepção de identidade estável: "(...) sem identidade, hierarquias no chão (...) a condição pós-moderna é, precisamente a dificuldade de sentir e representar o mundo onde se vive".

A maternidade, como uma representação social, construída por uma dada cultura e tempo histórico, também se transforma em meio ao constante movimento da sociedade. A mulher contemporânea adquiriu e desempenha novos e diferentes papéis, que contrastam com sua antiga representação social. Representação esta, firmada pelo patriarcado do século XIX, na qual imperava o ideal de mulher-mãe insubstituível. A concepção ideológica do amor materno, construída naquele momento histórico, acabou por encerrar sua atuação à esfera doméstica, o que evocou certos determinismos de ordem biológica, segregando mulher e mercado de trabalho, solidificando a hegemonia do masculino.

A divisão social de papéis deu à mulher um tipo peculiar de poder: o poder de educar crianças para a construção de um mundo moralmente desejável (BADINTER, 1985). Segundo esta autora francesa, a sacralização da figura da mãe serviu para reprimir o poder e a autonomia da mulher, a partir da construção de um discurso que passa a culpá-la caso não cumpra o seu dever de mãe, entendido como inato e espontâneo.

Para Badinter (1985) a maternidade é um comportamento social, ajustado a um determinado contexto sócio-histórico. O amor materno, em sua concepção, não é uma característica essencial da mulher. Seguindo o que teorizam escritores pós-estruturalistas, como Peters (2000), defendemos que o

sujeito não tem uma essência, mas possui uma identidade cultural construída através da relação entre os elementos sociais. De acordo com esse autor:

(...) o sujeito pós-estruturalista é descentrado, dependente do sistema lingüístico, um sujeito discursivamente constituído e posicionado na intersecção entre as forças libidinais e as práticas sócio-culturais (PETERS, 2000, p. 33).

Peters (2000) discorda dos questionamentos filosóficos sobre o sujeito “que não levam em conta as condições externas de suas próprias possibilidades”. É preciso, sempre, contextualizar. Atualmente, o que se evidencia é o momento de ser mãe para um momento em que a mulher sintasse mais segura e estabilizada financeiramente. Mas esta estabilidade leva tempo e, com isto, muitas mulheres vêem o tempo passando e seu relógio biológico esgotar as chances de uma gravidez natural.

Contudo, a necessidade de espera que se impõe diante do ritmo de vida frenético em que vivemos, traz como conseqüência, para a mulher, uma situação difícil. Sobre isso é interessante observar o que diz Rocha-Coutinho (2005):

(...) parece que nossas crenças ainda estão muito ligadas à idéia de que a unidade mãe-filho é básica, universal e psicologicamente mais apropriada, tanto para o desenvolvimento sadio da criança quanto para a completude da mãe (...) acreditamos, assim, que, no que diz respeito à mulher contemporânea, uma das questões mais complexas, problemáticas e conflitantes continua a ser a maternidade. (ROCHA-COUTINHO, 2005, p. 125).

Com esta afirmação, a autora coloca em discussão a temática da maternidade e o quanto ela precisa ser pensada. Entre as entrevistadas nessa pesquisa quatro demonstraram que até já gostariam de ser mães, mas ainda não consideram o momento oportuno. Nos dias de hoje, antigas aspirações

femininas, como casamento e maternidade, vêm sendo intensamente rediscutidas. Outras exigências são impostas às mulheres, como ter uma profissão e conquistar autonomia financeira. Porém, permanece idealizada uma certa 'obrigação' em atender ao apelo social da maternidade.

A mulher, algumas vezes, sente-se culpada por não conseguir atender às suas múltiplas funções diárias, em especial a função de mãe. A esse respeito comenta Rocha-Coutinho (2005):

O discurso social modernizante, que exalta igualdade de direitos e deveres entre os sexos, convive lado a lado com antigas disparidades em relação aos papéis sociais de homens e mulheres, algumas das quais muito difíceis de serem erradicadas, reforçadas pelas diferenças biológicas entre os sexos, como é o caso da maternidade (ROCHA-COUTINHO, 2005, p. 127).

Para essa autora a sociedade continua reforçando o papel da mulher como a principal responsável pela criação dos filhos, cobrando-lhe uma dedicação que já não pode dar, atribuindo a ela um sentimento de culpa por ter acumulado funções.

A entrada da mulher no mercado de trabalho, de fato, modificou a dinâmica familiar. Sua inserção no campo profissional trouxe a necessidade de rever essa instituição. A sociedade, toma a família como sua célula-base e símbolo de referência, sendo fundamental na construção dos processos psíquicos. De certa forma, é compreensível que seja a família a primeira a sofrer mudanças, diante de tantas transformações sócio-culturais pelas quais somos submetidos na contemporaneidade.

É notório que estamos vivendo apenas a fase inicial das mudanças, com as tentativas de acomodações e ajustamentos posteriores à saída da mulher

para o mercado de trabalho remunerado. Faz-se necessário pensar tais transformações, pois como sugere Áran (2003), nós mulheres:

(...) não estaríamos nem mais em um território totalmente ancorado na 'hierarquia entre os sexos', nem tampouco em um terreno caracterizado pela 'indiferença'. Uma nova possibilidade de diferenciação se anuncia e com ela um novo esboço do feminino (ÁRAN, 2003, p. 418).

As conquistas decorrentes da revolução feminista possibilitaram repensar o lugar da mulher na família, no trabalho, na sociedade e enquanto sujeito. A sociedade está em movimento permanente e, com ela, as posições-de-sujeito e as construções identitárias. Com isto, novos arranjos familiares se formam constantemente, impedindo-nos de conceituar o que é família, assim como também, conceituar o que é mulher: "Não existe, na verdade, a mulher (...), mas sim, uma pluralidade de mulheres" (ROCHA-COUTINHO, 1994, p.15). Ser mulher é uma construção dada em um determinado tempo e contexto sócio-histórico, um movimento permanente que não cabe em uma definição.

Da mesma forma, podemos afirmar que não existe um único modo de ser mãe ou uma única representação de maternidade. O que há é construção permanente, um processo de identificação constante. Como seres plásticos, nos construímos em conjunto, em interação com o mundo que habitamos. Formulamos e reformulamos os modos de existir, assumimos e abandonamos identidades, atravessados pelo contexto histórico e o discurso dominante da época em que vivemos.

REFERÊNCIAS

ARÁN, M. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. (artigo on-line). *Estud. Fem.* v.11, n.2, Florianópolis jul. / dez. 2003.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200004&lng=pt&nrm=iso> (Acessado em 10 de Novembro de 2006).

BADINTER, E. *Um amor conquistado* – O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. *Rumo equivocado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BRAGA, M. G. ; AMAZONAS, M. C. Família: maternidade e procriação assistida. (artigo on-line) *Psicol. Estud.*, vol.10, n.1, Maringá, jan./abr. 2005. Disponível em : http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-73722005000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt (Acessado em 22 de Julho de 2006).

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. Em: LOPES, G. L. (org.) *O corpo educado*. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.p. 151-172.

CHIZZOTTI, A. *A pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1995.

DIAS, A. C. ; LOPES, R. C. Representações de maternidade de mães jovens e suas mães. (artigo on-line). *Psicol. Estud.*, Maringá, v. 8, n. spe, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300009&lng=es&nrm=iso> (Acessado em 09 de Julho de 2006).

DOMÉNECH, M., TIRADO, F. ; GÓMEZ, L. A dobra: psicologia e subjetivação. Em: SILVA, T. T. (Org. e Trad.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.p. 111-136.

HALL, S. Quem precisa de identidade? Em: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos sócio-culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.p. 103-133.

KAMERS, M. Funções parentais? Reflexões sobre a infância, a estrutura e a história. Em: *Colóquio do LEPSI IP/FE-USP*, 5., 2006, São Paulo. (Artigo on-line). Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032006000100044&lng=en&nrm=abn (Acessado em 05 de Outubro de 2006).

LIPOVETSKY, G. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

LOPES, M. P. Breve reflexão sobre a representação da mãe num recorte da poesia brasileira, 2003. (artigo on-line). Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/01/01mlopes.htm>> (Acessado em 20 de maio de 2006).

LOURO, G. L. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento. *Labrys, estudos feministas*, agosto/dezembro 2004, nº 6. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys6/libre/guaciraa.htm> (Acessado em 15 de Outubro de 2006).

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1999.

PETERS, M. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PINTO, V. C. *Identidade feminina, família e profissão: a experiência de ser mulher na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado defendida em março de 2005, na Universidade católica de Pernambuco: Recife, 2005.

POPOV, F. Número de mães com mais de 35 anos aumenta na região Sudeste. Disponível em: http://minhanoticia.ig.com.br/materias/395501-396000/395551/395551_1.html (Acessado em 19 de Outubro de 2006).

QUINTAS, F. *A mulher e a família no final do século XX*. Recife: Massangana, 2000.

ROCHA-COUTINHO, M. L. *Tecendo por trás dos panos*. A mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. (artigo on-line). *Rev. Temas em Psicologia da SBP*, Vol. 12 n. 1, 2004, p.p 2-17.

Disponível em < http://www.sbponline.org.br/revista2/vol12n1/art01_a.htm> (Acessado em 18 de novembro de 2006).

_____. Variações sobre um antigo tema. Em: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Família e casal*: efeitos da contemporaneidade. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005, p.p. 122-137.

SANTOS, J. F. *O que é pós-moderno?* São Paulo: Brasiliense, 2000.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. Em: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos sócio-culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000a, p.p 73-102.

_____. *Teoria cultural e educação* – um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000b.

_____. Dr. Nietzsche, Curriculista – com uma pequena ajuda do professor Deleuze. Em: MOREIRA, A. B.; MACEDO E. F. (Org.). *Currículo, práticas pedagógicas e identidades*. Porto Alegre: Porto, 2002, p.p. 35-52.

SZAPIRO, A.; FÉRES-CARNEIRO, T. Construções do feminino pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. (Artigo on-line) *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2002, 15(1), p.p. 179-188. Disponível em <www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a19v15n1.pdf> (Acessado em 10 de Outubro de 2006).

THERBORN, G. *Sexo e poder*: a família no mundo, 1900-2000. São Paulo: Contexto, 2006.

TURATO, E. R. *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Em: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos sócio-culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.p. 7-72.

ANEXO I

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: “A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE NA VIDA DE MULHERES PÓS-MODERNAS”

Eu, _____, dou meu consentimento livre e esclarecido para minha participação como voluntária do projeto de pesquisa supra-citado, sob a responsabilidade da pesquisadora Paula Barbosa de Oliveira, sob a orientação da Prof^a Dr.^a Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas, professora da Universidade Católica de Pernambuco.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1) O objetivo da pesquisa é compreender como mulheres com idade entre 25 e 35 anos, sem filhos, residentes na cidade de Recife vêm a questão do ser mãe, hoje.
- 2) Durante o estudo participarei de uma entrevista composta de questões relacionadas ao objetivo acima mencionado.
- 3) Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a participação na referida pesquisa.
- 4) Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho exposto acima, incluindo sua publicação na literatura científica especializada.
- 5) Poderei contatar o Comitê de Ética da UNICAP para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa, se o achar necessário, o qual encaminhará o procedimento adequado.

Recife, Janeiro de 2006.

Assinatura da Participante
Número do RG

ANEXO II

Entrevista

Dados sócio-demográficos

Idade:

Bairro em que reside:

Com quem mora:

Estado Civil:

Grau de Formação:

Área de Formação:

Ocupação:

Roteiro da Entrevista

1. Quais são seus projetos de vida?
2. O que significa ser mãe, para você?
3. Há um ideal de mãe para você? Qual é?
4. Quais as condições necessárias para se ter um filho?